

PAULO SÉRGIO DE ARAÚJO

Quem falou com o
rei Saul em En-Dor:
o falecido profeta Samuel
ou um demônio?



Compreendendo 1Samuel 28



O estudo aqui disponibilizado consiste de alguns trechos do livro **Quem falou com o rei Saul em En-Dor: o falecido profeta Samuel ou um demônio? *Compreendendo 1Samuel 28***. Para aqueles que desejarem adquirir essa obra completa, basta entrar em contato com o escritor, via e-mail.

SAUL E A PITONISA DE EN-DOR

*Compreendendo 1Samuel 28*¹

por

Paulo Sérgio de Araújo

INTRODUÇÃO

Confesso que este livro representa um grande desafio para mim, pois nele estarei defendendo um ponto de vista que vai contra aquilo que a maioria de meus irmãos em Cristo (pelo menos os daqui do Brasil) acredita, ensina e defende. Segundo a “tradição da maioria”, quando o rei Saul visitou uma necromante para tentar se comunicar com o falecido profeta Samuel, na realidade, um demônio é que teria aparecido e conversado com ele. Somente uma minoria, da qual faço parte, pensa de forma diferente, afirmando que foi mesmo Samuel quem apareceu. E, ao pensar dessa maneira, sinto-me como se estivesse nadando contra a correnteza ou dirigindo na contramão. Entretanto, os desafios estão aí para serem enfrentados, e certamente não fugirei de mais um que é colocado perante mim. Além disso, não nos esqueçamos de que nem sempre a maioria está certa.

Seguindo o pensamento da maioria dos cristãos, sempre acreditei que aquele ser espiritual que falou com o rei Saul, na cidadezinha de En-Dor, era um demônio. Embora nunca tivesse feito um estudo detalhado e cuidadoso de 1Samuel 28 (o capítulo da Bíblia que narra esse incidente), mesmo assim eu tinha como certo que Samuel jamais poderia ter aparecido depois de morto. “Se *todo mundo* diz que um ‘demônio’ apareceu e enganou Saul, então é porque isso é verdade”, pensava eu. Porém, certa vez senti-me estimulado a fazer uma investigação por conta própria desse incidente, procurando respostas para perguntas que até então nunca tinham sido feitas. E quanto mais eu lia 1Samuel 28, analisando cada palavra desse texto, mais eu era convencido do equívoco em continuar acreditando que um demônio aparecera. Quanto mais eu confrontava o que está escrito nesse texto com os argumentos que tinham sido

¹ Todas as citações bíblicas deste estudo foram extraídas da Bíblia *Revista e Atualizada no Brasil*, traduzida por João Ferreira de Almeida, e publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, 2ª edição (1993).

passados para fazer-me crer que um demônio aparecera, mais eu me rendia perante as evidências bíblicas que ensinam que Samuel manifestara-se em En-Dor.

Assim, após examinar o texto de 1Samuel 28 com a mente aberta e livre de pressupostos pessoais, denominacionais e teológicos, procurando ser o mais imparcial possível ao interpretá-lo, deixando que esse texto falasse por si mesmo, tive que escolher entre ficar com aquilo que a “tradição da maioria” sempre me ensinou, ou com aquilo que a *Bíblia diz*. Sem hesitar, fiquei com essa última alternativa!

A principal razão que me motivou a escrever este livro foram os pedidos de muitos irmãos que tive a honra de conhecer nas mais diferentes igrejas. Durante as palestras que Deus me tem dado o privilégio de ministrar, discorrendo sobre assuntos relacionados ao destino eterno do homem após a morte, fatalmente ouço a pergunta: “Irmão Paulo Sérgio, em sua opinião, quem falou com o rei Saul quando ele visitou aquela necromante de En-Dor: Samuel ou um demônio?” E como é impossível dar uma resposta detalhada e completa durante uma breve palestra, resolvi dá-la em forma escrita aqui, neste livro. Que esta obra possa, de alguma forma, ajudar todos esses irmãos que querem conhecer um pouco mais a Bíblia Sagrada, especialmente o texto de 1Samuel 28, cujo teor vem gerando controvérsias entre os cristãos há pelo menos mil e oitocentos anos.

Também escrevi este livro a fim de apresentar ao público *todos* os argumentos em torno do debate de 1Samuel 28. Infelizmente, a maior parte daqueles que acreditam que um demônio apareceu só apresenta os argumentos favoráveis ao *seu* ponto de vista, omitindo completa ou parcialmente os da minoria que pensa diferente. Sem contar as vezes em que os argumentos dessa minoria são distorcidos. Neste livro, porém, apresentarei os argumentos de ambos os lados desse debate. Tenho comigo que um debate honesto e isento jamais pode ocultar informações relevantes ao público. Todos os argumentos devem ser colocados sobre a mesa, a fim de que as pessoas possam livremente analisá-los, compará-los e, assim, formar (ou não) uma opinião sobre o assunto em questão. Este livro, portanto, mostrará os dois lados da moeda nessa discussão.

Por fim, fui movido a escrever este livro para convidar meus irmãos em Cristo a fazer uma análise profunda e serena de 1Samuel 28. Encaro esse convite com bastante seriedade. E por quê? Porque se ficar comprovado que foi mesmo *Deus* quem trouxe Samuel para falar com Saul, então dizer que um “demônio” apareceu seria um erro grave, pois estaríamos atribuindo ao Diabo algo que, na realidade, Deus teria feito. Desse modo, gentilmente convido meus irmãos a examinarem, uma vez mais, o texto que narra esse incidente. Façamos isso com um profundo sentimento de humildade, respeito e, sobretudo, imparcialidade. Despojemo-nos, pois, de todos os nossos pressupostos,

deixando que somente a Bíblia fale e dê a palavra final nessa discussão. O que deve prevalecer é aquilo que as *Escrituras* dizem, e não aquilo que *eu* penso. A santa e inerrante palavra de Deus deve ser soberana!

Neste livro, portanto, pretendo expor minha opinião sobre o que aconteceu naquela noite em que o rei Saul, querendo comunicar-se com o finado profeta Samuel, visitou a casa daquela necromante² da cidade de En-Dor. Para mim, não resta a menor dúvida de que foi mesmo esse profeta quem apareceu e conversou com Saul. E por quê? Por uma razão bem simples: porque é justamente isso o que está escrito de forma clara, repetida e incontestável em 1Samuel 28. Não há como negar ou contradizer aquilo que está escrito nesse texto. Foi o próprio Deus, manifestando sua glória, poder e soberania, quem enviou Samuel àquela casa, para que esse profeta entregasse uma mensagem a Saul. Como os leitores verão, essa forma de pensar, além de possuir total respaldo do texto de 1Samuel 28, em momento algum entra em conflito com aquilo que o restante da Bíblia ensina. Muito pelo contrário, acreditar que Samuel apareceu harmoniza-se perfeitamente com as Escrituras. E o mais importante: defender que foi Samuel quem falou com Saul é a única maneira de preservarmos a *plena* inspiração divina das Escrituras Sagradas (1Ts 2.13; 2Tm 3.15-17; 2Pe 1.19-21; 3.15, 16), como veremos no decorrer deste livro.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE 1SAMUEL 28

1Samuel 28 ao longo da história

Neste tópico pretendemos apenas dar uma visão geral sobre como o incidente de En-Dor vem sendo entendido pelo povo de Deus ao longo da história. É de grande utilidade sabermos como pensavam aqueles que viveram bem antes de nós, pessoas piedosas que dedicaram suas vidas ao estudo das Escrituras e à reflexão religiosa. A compreensão que temos hoje de qualquer texto bíblico certamente já foi objeto de investigação por parte de incontáveis servos de Deus no passado. Dessa forma, ouçamos o que eles têm a nos dizer.

Ao que tudo indica, os judeus dos dias do Antigo Testamento (AT) acreditavam que Samuel havia aparecido em En-Dor e conversado com o rei Saul, pois a literatura judaica do período intertestamentário³ reflete essa crença.

² Um “necromante” (ou uma “pitonisa”) era uma pessoa a quem atribuíam a capacidade de *evocar* (“trazer ou chamar de algum lugar”, “fazer aparecer”) os espíritos dos mortos e, assim, obter orientação e ajuda. Observadas as devidas diferenças, um necromante pode ser comparado a um médium espírita da atualidade.

³ O “período intertestamentário” (ou “interbíblico”) refere-se ao intervalo de cerca de quatrocentos anos entre a última profecia do Antigo Testamento, feita por Malaquias (c. de 430

Vejamos, por exemplo, o acréscimo que 1Crônicas 10.13 recebeu no texto grego da Septuaginta:⁴

Assim, morreu Saul por causa da transgressão cometida contra o SENHOR, por causa da palavra do SENHOR, que ele não guardara; e também porque interrogara e consultara uma necromante; e Samuel o profeta o respondeu.

Esse acréscimo é, de fato, muito importante, pois ele reflete a maneira como os judeus entendiam o texto de 1Samuel 28 no século III a.C. Para eles, aquele ser que conversou com Saul, em En-Dor, era “Samuel”, o falecido profeta.

Outro exemplo disso é encontrado no livro de Eclesiástico, escrito por volta de 180 a.C., e que integra o cânon da Bíblia da Igreja Católica Romana:

Mesmo depois de sua morte, ele [Samuel] profetizou, predizendo ao rei [Saul] o seu fim. Mesmo do sepulcro, ele levantou a voz, numa profecia, para apagar a injustiça do povo (Ecl 46.23).

Se os crentes dos dias do AT cressem que um “demônio” conversara com Saul, certamente esse entendimento seria encontrado, de forma generalizada, na literatura judaica do período intertestamentário. Contudo, o que encontramos nesse período são escritos dizendo que “Samuel” (ou outros seres espirituais) havia aparecido. Ou seja, a compreensão judaica mais primitiva (inclusive dos dias em que o livro de 1Samuel foi escrito) era de que “Samuel” aparecera em En-Dor, e não um espírito mau. Foi só no período interbíblico que essa linha de pensamento começou a ser modificada pelos rabinos judeus, daí surgindo especulações de que aquele ser que aparecera em En-Dor poderia ter sido um outro personagem morto do AT, ou um anjo bom, ou o próprio Deus. O Talmude traz essa variedade de opiniões, incluindo, naturalmente, a de que Samuel manifestara-se.

Já na era cristã, o historiador judeu Flávio Josefo (37–110 d.C.) também tinha como certa a aparição de Samuel (*Antiq.Jud*, 6.14.2). Enfim, era dessa forma que os judeus dos dias do AT, do período interbíblico, dos dias de Jesus e dos apóstolos e do período pós-apostólico entendiam o incidente de En-Dor. Nesse universo de opiniões, porém, nunca vemos os judeus dizendo que um “demônio” conversara com Saul.

As evidências documentais nos levam a acreditar que a idéia de que um demônio teria se manifestado em En-Dor só surgiu dentro do cristianismo, por

a.C.), e o nascimento de Jesus. Durante esse período, não houve nenhuma revelação *escrita* da parte de Deus.

⁴ A Septuaginta é a tradução do AT hebraico para a língua grega, realizada pelos rabinos judeus no século III a.C., na cidade de Alexandria, Egito.

volta do segundo ou terceiro século de nossa era. Portanto, o debate para determinar se foi Samuel ou um demônio que apareceu já se arrasta na Igreja há pelo menos mil e oitocentos anos.⁵ Observem abaixo uma tabela mostrando como alguns estudiosos e pensadores cristãos, ao longo da história da Igreja, entendiam o relato de 1Samuel 28:⁶

Samuel apareceu	Samuel não apareceu
Justino Mártir (100–165; <i>Dialogus cum Tryphone Judaeo</i> 105)	Tertuliano (155–222; <i>De anima</i> 57)
Orígenes (185–254; <i>Homily on I Kingdoms</i> 28)	Hipólito (170–236; <i>Exegetical Fragments, Fragments from Commentaries on Various Books of Scripture III, On Kings</i>)
Metódio (260–312; <i>De Resurrectione</i> III, ii, 19)	“The Martyrdom of Pionius” (séc. III; cap. 12-14)
Zeno de Verona (300–371; <i>Tractatus</i> I, xvi, 4)	Eustáquio de Antioquia (280–335; <i>De Pythonissa</i>)
Diodoro de Tarso (330–390; <i>A Fragment from the Catena</i>)	Efraim (306–373; <i>Comm. on Samuel</i> 28)
Apolinário de Laodicéia (330–390; <i>A Fragment from the Catena</i>)	Basílio, o grande (330–379; <i>Letter</i> 189, 5)
Ambrósio (340–397; <i>Comm. on Luke</i> I, 33)	Gregório de Nissa (335–398; <i>De Pythonissa</i>)
Agostinho (354–430; <i>De cura gerenda pro mortuis</i> XV, 18; <i>De doctrina Christiana</i> II, xxiii, 35)	Jerônimo (342–420; <i>Comm. on Matthew</i> 6, 31; <i>Comm. on Ez.</i> IV, 13, 17)
Sulpicius Severus (363–420; <i>Chronicle</i> I, 36)	Evagrius Ponticus (345–399; <i>Cephaleia Gnostica</i> VI, 61)
Evódio (séc. IV e V; <i>Letter to Augustine</i> VI)	João Crisóstomo (347–407; <i>Comm. on the letter to Titus</i> III, 2)
Dracontius (455–505; <i>Carmen de Deo</i> II, 1)	Cirilo de Alexandria (376–444; <i>De adoratione in spiritu et veritate</i> VI)
John Wesley (1703–1791; <i>John Wesley’s Commentary</i>)	Teodoreto (396–460; <i>Quaest. in I Reg.</i> 28; <i>Quaest. in I Paral.</i>)
Adam Clarke (1760–1832; <i>Adam Clarke’s Commentary</i>)	Lutero (1483–1546; <i>The abuses of the Mass</i> , 1522)
Charles Hodge (1797–1878; <i>Teologia Sistemática</i>)	Calvino (1509–1564; <i>Hom.</i> 100 in 1 Samuel)
Ellicott (1819–1905; <i>Ellicott’s Commentary on the Whole Bible</i>)	Matthew Henry (1662–1714; <i>Matthew Henry’s Commentary</i>)
G. Campbell Morgan (1863–1945; <i>An Exposition of the Whole Bible</i>)	John Gill (1697–1771; <i>John Gill’s—Exposition of the Old & New Testament</i>)

A mais remota citação cristã de 1Samuel 28 que possuímos vem de um dos primeiros apologistas cristãos: Justino Mártir (100–165 d.C.). Esse Pai da Igreja não tinha dúvida de que fora o falecido Samuel quem conversara com Saul. Notem os leitores que esse entendimento está em harmonia com aquilo em que

⁵ Cerca de setenta por cento dos argumentos contra a aparição de Samuel, apresentados na atualidade, já são milenares, sendo que alguns remontam ao segundo ou terceiro século da era cristã.

⁶ Dentro do grupo dos que acreditam que Samuel apareceu, há quem diga que foi a pitonisa quem trouxe esse profeta do além; outros, que foi Deus; alguns, porém, nada dizem sobre isso. E dentro do grupo dos que *não* acreditam na aparição de Samuel, há quem defenda que foi um demônio que apareceu, ao passo que outros dizem que nenhum ser espiritual se manifestou, mas que a pitonisa teria enganado Saul.

os hebreus já vinham crendo há milhares de anos, desde os dias do AT. Não estaríamos enganados em dizer que outros cristãos, tanto dos dias de Justino Mártir quanto anteriores a ele, também compartilhavam dessa mesma opinião.

Entretanto, a idéia de que um “demônio” apareceu em En-Dor só surgiu pela primeira vez no final do segundo século ou na primeira metade do terceiro, com Tertuliano (155–222 d.C.). Essa posição de Tertuliano veio a ser uma ruptura radical com aquilo que já pensavam judeus e cristãos que o antecederam.

Entre os estudiosos cristãos da atualidade, vejamos o que pensam alguns teólogos e apologistas bastante conhecidos no meio evangélico. O erudito bíblico Gleason Archer Jr., um dos maiores defensores da inerrância bíblica de todos os tempos, em sua clássica e célebre *New International Encyclopedia of Bible Difficulties* (Nova Enciclopédia Internacional de Dificuldades Bíblicas), diz que Deus aproveitou aquela ocasião e trouxe Samuel do além para que ele levasse aquela terrível e derradeira mensagem a Saul.⁷ Em sua magistral e bastante adotada *Teologia Sistemática*, Louis Berkhof deixa transparecer sua crença na aparição de Samuel.⁸ O dr. Norman Geisler, em seu livro *Resposta às Seitas – Um Manual Popular Sobre as Interpretações Equivocadas das Seitas*, apenas apresenta as três interpretações que são dadas a 1Samuel 28, porém sem dar sua opinião pessoal sobre o assunto.⁹ E o irmão Josh McDowell não tem uma opinião formada sobre esse assunto, como constatamos ao entrar em contato com o Josh McDowell Ministry.

Nos círculos conservadores, os eruditos são praticamente unânimes em afirmar que foi Samuel quem apareceu e conversou com Saul. Certamente há muitos outros teólogos e pensadores cristãos, conhecidos e anônimos, tanto do passado quanto do presente, que pensam dessa forma. O autor deste livro conhece professores de seminários teológicos (professores de exegese, línguas bíblicas, filosofia, etc.) que dizem que foi o falecido Samuel quem surgiu em En-Dor.

Como podemos perceber, uma análise sobre como 1Samuel 28 vem sendo entendido ao longo da história pode surpreender muita gente. Nela, fica demonstrado que a idéia de que o falecido Samuel apareceu e conversou com Saul sempre foi aceita pelo povo de Deus, desde os dias do AT até a atualidade. Entretanto, a crença na aparição de um “demônio” só surgiu dentro do

⁷ ARCHER, Gleason L. *New International Encyclopedia of Bible Difficulties*, Ed. Zondervan, 1982, pg. 181. Essa obra do dr. Archer foi lançada aqui no Brasil sob o título *Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas* (Editora Vida), sendo bastante conhecida no meio evangélico. Contudo, lamentavelmente a análise que esse erudito fez de 1Samuel 28 foi omitida dessa publicação em Português.

⁸ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*, Editora Cultura Cristã, 3ª edição, 2007, pg. 631.

⁹ GEISLER, Norman L.; RHODES, Ron. *Resposta às Seitas: Um Manual Popular Sobre as Interpretações Equivocadas das Seitas*, Editora CPAD, 2ª edição, 2001, pgs. 77-79.

cristianismo, nalgum ponto entre o final do segundo século e a primeira metade do terceiro. Esse entendimento apareceu mais de mil anos após Saul ter consultado aquela necromante de En-Dor, constituindo-se numa ruptura com aquilo que tanto judeus quanto cristãos já vinham acreditando.

Uma palavra final. É bem verdade que as informações históricas apresentadas neste tópico não podem ser usadas como elemento-chave para decidir qual lado desse debate está com a razão. *Somente* o texto bíblico pode fazer isso. No entanto, essas informações pelo menos mostram que acreditar que “Samuel” apareceu não é nenhuma novidade (ou heresia proveniente do espiritismo), como algumas pessoas injusta e precipitadamente alegam. Muito pelo contrário, as evidências históricas aqui apresentadas demonstram que a crença de que um “demônio” apareceu em En-Dor é que se constituiu numa grande novidade, pois essa forma de pensar ia de encontro ao que os judeus (e, depois, os cristãos) já vinham acreditando há milhares de anos.

Jesus e Moisés no Monte da Transfiguração

Além do incidente de En-Dor (1Sm 28), há outra ocasião na qual Deus retirou um espírito do Sheol e o fez conversar com uma pessoa aqui no mundo dos vivos: o incidente do Monte da Transfiguração.¹⁰ Conforme registrado nos três primeiros evangelhos (Mt 17.1-9; Mc 9.1-9; Lc 9.28-36), certa vez Jesus levou consigo três de Seus apóstolos (Pedro, Tiago e João) a um monte para orar. Num dado momento, é dito que Jesus “transfigurou-se diante deles; seu rosto resplandecia como o sol, e suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes *apareceram* Moisés e Elias, falando com ele” (Mt 17.2, 3). Como sabemos, o profeta Elias não passou pela morte física, mas foi arrebatado por Deus aos céus (2Rs 2.1, 5, 11, 12). Moisés, porém, morreu (Dt 34.5-8). Logo, como que ele, depois de morto, ainda pôde aparecer no Monte da Transfiguração e conversar com Jesus? A única resposta é que Deus, soberana e milagrosamente, retirou o espírito de Moisés do Sheol e fê-lo estar com o Filho de Deus por alguns momentos.

Entretanto, pretendendo negar a aparição *literal* de Moisés (temendo estarem apoiando a idéia espírita da comunicação com os mortos), algumas pessoas alegam que os discípulos viram esse personagem do AT por meio de uma “visão extática”, uma espécie de arrebatamento de sentidos.¹¹ E, por conta disso,

¹⁰ É evidente que há diferenças marcantes entre aquilo que ocorreu em En-Dor e no Monte da Transfiguração. Uma dessas diferenças, por exemplo, é que Jesus não buscou uma necromante, ao contrário do que Saul fizera. Ao associar esses dois incidentes, queremos apenas extrair o *ponto em comum* entre eles: o fato de *Deus* ter trazido o espírito de dois de Seus servos mortos para a dimensão dos vivos.

¹¹ Segundo os proponentes dessa idéia, os discípulos de Jesus teriam visto Moisés e Elias por meio de uma visão do mesmo tipo das que Jacó (Gn 28.12-17), Pedro (At 10.10-17), Paulo (2Co 12.1-4) e outros personagens bíblicos tiveram.

essa experiência teria dispensado o comparecimento real, literal do espírito de Moisés no Monte da Transfiguração. Tal forma de pensar apóia-se numa *única* palavra—fora de seu contexto e que desconsidera os outros dois relatos paralelos desse incidente—que Jesus disse aos Seus discípulos: “E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a *visão*, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos” (Mt 17.9). E é em cima dessa única palavrinha do texto, portanto, que repousa todo o argumento que rejeita a literalidade da aparição de Moisés.

Porém, o uso da palavra “visão”, nesse versículo, de forma alguma indica que aqueles eventos só puderam ser vistos pelos “olhos espirituais” dos discípulos, como se Deus tivesse realizado alguma obra sobrenatural *neles*, a fim de capacitá-los a enxergar coisas que eles não conseguiriam enxergar naturalmente, com os olhos físicos. Para comprovar isso, nos parágrafos seguintes trabalharemos a seguinte questão: “A palavra ‘visão’, em Mateus 17.9, refere-se a uma *experiência extática* dos discípulos, por meio da qual eles conseguiram ver Moisés e Elias? Ou seja, essa visão não teria exigido a presença literal de Moisés e Elias no Monte da Transfiguração? Ou a palavra ‘visão’ nesse versículo refere-se a *acontecimentos literais* que os discípulos *viram literalmente*, com os olhos naturais?” Comprovando-se que Jesus usou “visão” com esse último sentido, então é óbvio que tudo aquilo que aconteceu no Monte da Transfiguração foi literal, inclusive a aparição do espírito do falecido Moisés.

Em primeiro lugar, a *maneira natural* como esse incidente é narrado por Mateus, Marcos e Lucas só se harmoniza com a idéia de que tudo aquilo que ocorreu naquele monte foi literal. Vejamos, por exemplo, a maneira como Lucas narra o acontecimento: “E aconteceu que, enquanto ele [Jesus] *orava*, a aparência do seu rosto se *transfigurou* e suas vestes resplandeceram de brancura” (Lc 9.29). Ninguém seria capaz de dizer que essa *oração* que Jesus fez não foi literal, não é mesmo? Obviamente, Jesus, literalmente, ajoelhou-se e passou a falar com o Pai. E essa *transfiguração* mencionada, ocorrida no rosto de Jesus, ela foi literal? Sim, pois não há absolutamente nada nesse ponto da narrativa de Lucas que sequer insinue que a oração de Jesus foi literal, mas que a transfiguração do rosto dEle não o tenha sido. Sem dúvida alguma, tanto a oração de Jesus quanto essa transfiguração de Seu rosto foram acontecimentos literais.

Prosseguindo em seu relato, Lucas diz: “Eis que dois varões falavam com ele: Moisés e Elias, os quais *apareceram* em glória e falavam da sua partida...” (Lc 9.30, 31). Agora chegamos ao ponto que nos interessa: e essa *aparição* de Moisés e Elias, ela foi literal? É claro que sim. E por quê? Ora, como podemos dizer que essa aparição não foi literal, se os acontecimentos que a antecederam (a oração de Jesus e a transfiguração do rosto dEle) o foram? Acaso existe uma única palavra ou expressão nos versículos 29-31 que sugira que somente a aparição de Moisés e Elias não foi literal? Não. Portanto, é impossível que uma leitura objetiva, honesta, sensata e imparcial de Lucas 9.29-31 (assim como dos relatos paralelos de Mateus e Marcos) leve alguém a negar a aparição literal desses dois

personagens do AT. Isso, portanto, demonstra que a palavra “visão”, em Mateus 17.9, não foi usada para falar de uma visão extática que os discípulos teriam tido, que os tivesse capacitado a enxergar Moisés e Elias. Pelo contrário, essa palavra se refere a *acontecimentos literais* que os discípulos *viram literalmente*. A maneira como Lucas (bem como Mateus e Marcos) narra o incidente do Monte da Transfiguração inescapavelmente nos leva a essa conclusão!

Em segundo lugar, na sentença: “A ninguém conteis a visão” (Mt 17.9), notem que Mateus registrou essa recomendação de Jesus na *primeira pessoa*, reproduzindo as palavras exatas que o Mestre pronunciou. Em seu registro, Mateus fez uso daquilo que chamamos “discurso direto”. Porém, Marcos e Lucas, ao registrarem essa mesma recomendação, usaram a *terceira pessoa*, naquilo que denominamos “discurso indireto”: “Ao descerem do monte, ordenou-lhes Jesus que não divulgassem *as coisas que tinham visto*” (Mc 9.9); “Eles calaram-se e, naqueles dias, a ninguém contaram *coisa alguma do que tinham visto*” (Lc 9.36). Reparem os leitores que, no discurso indireto, Marcos e Lucas empregaram *suas próprias palavras* para *explicar* aquilo que Jesus quis dizer ao pronunciar a palavra “visão” (Mt 17.9). Segundo o entendimento inspirado desses dois evangelistas, Jesus usou “visão” para se referir às “coisas que [os discípulos] tinham visto”, e não *necessariamente* a um tipo de visão extática ou arrebatamento de sentidos que eles teriam tido. Para Marcos e Lucas, portanto, Jesus apenas disse aos discípulos: “Não contem a ninguém as coisas que vocês viram”.

E essas coisas que os discípulos viram mas não deveriam contar a ninguém, elas aconteceram literalmente ou não? É aqui que o contexto no qual “visão” ocorre é de capital importância para obtermos uma resposta. Como vimos no primeiro ponto acima, a maneira como Mateus, Marcos e Lucas narram o incidente do Monte da Transfiguração não deixa dúvida: a oração de Jesus, a transfiguração do rosto dEle e a aparição de Moisés e Elias foram acontecimentos literais. Logo, é evidente que “visão”, em Mateus 17.9, refere-se às “coisas [literais] que [os discípulos] tinham visto [literalmente]”, incluindo a aparição literal do falecido Moisés!

Em terceiro lugar, o texto diz, claramente, que houve uma *comunicação real* entre Jesus e Moisés e Elias: “Eis que dois varões *falavam* com ele [com Jesus]: Moisés e Elias, os quais apareceram em glória e *falavam* da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lc 9.30, 31; v. tb. Mt 17.3; Mc 9.4). Ora, uma comunicação *real* obrigatoriamente exigiria a presença *real, literal* de Moisés e Elias naquele monte, como os argumentos anteriores comprovaram. Portanto, temos aí mais um argumento que solidifica, ainda mais, a tese de que a palavra “visão”, em Mateus 17.9, refere-se às coisas literais que foram vistas literalmente pelos discípulos, não tendo absolutamente nada a ver com alguma visão extática.

Resumindo, o relato do Monte da Transfiguração diz claramente que:

1. O rosto e as vestes de Jesus passaram por uma *transformação literal*;
2. Moisés e Elias *apareceram, literalmente*, num ponto geográfico (um monte);
3. Os discípulos *viram, literalmente* (com os olhos físicos), Moisés e Elias;
4. Houve uma *comunicação real e literal* entre o falecido Moisés e Jesus;
5. Uma *nuvem luminosa desceu, literalmente*, sobre os discípulos;
6. Os discípulos *ouviram, literalmente, a voz do Pai*;
7. Os relatos paralelos de Marcos e Lucas *explicam* o sentido com o qual Jesus pronunciou a palavra “visão” em Mateus 17.9. Essa palavra apenas se refere às *coisas literais* que os discípulos *viram literalmente*.

Quando a literalidade da aparição do falecido Moisés é negada, transmite-se a idéia de que Deus não teria poder suficiente ou autorização de alguma de Suas criaturas para realizar essa obra. Porém, será que o Deus eterno, onisciente, onipresente e todo-poderoso, o Soberano Governador, Aquele que criou todas as coisas do Universo a partir do nada, que criou as coisas visíveis e as invisíveis, Aquele que fez a Terra parar de girar e uma jumenta falar, que ressuscitou Lázaro após este permanecer quatro dias morto, Aquele que inclusive criou o Sheol para ser a habitação dos espíritos humanos desencarnados, será que esse Deus não teria poder para retirar o espírito de Moisés do Sheol e fazê-lo conversar, por alguns momentos, com o Salvador do mundo encarnado? *Por que* Moisés não poderia ter aparecido, literalmente, no Monte da Transfiguração? Acaso Deus estaria pecando, contradizendo-se, deixando de ser Deus, indo contra a Bíblia ou Sua própria natureza, ou praticando a necromancia se fizesse isso acontecer? De forma alguma! Como os leitores podem ver, não há a mais remota base bíblica ou filosófica para negar o comparecimento literal do falecido Moisés no Monte da Transfiguração. Sinceramente, a única explicação que vemos para que a literalidade dessa aparição seja negada é o temor desnecessário e sem sentido de estar apoiando a idéia espírita da comunicação entre vivos e mortos.

Portanto, além da aparição do falecido Samuel em En-Dor (verdade essa que ficará comprovada mais adiante neste livro), temos a aparição do falecido Moisés no Monte da Transfiguração. Assim como Deus trouxe Samuel, literalmente, para levar uma mensagem de condenação a tudo aquilo que Saul era e fazia, milhares de anos depois trouxe Moisés, literalmente, para levar uma mensagem de total aprovação ao Seu “Filho amado”, o Messias de quem a Lei e os Profetas dão amplo e claro testemunho! Acreditar que *Deus* trouxe do além o espírito de uma pessoa morta para falar com um vivo não é nenhuma heresia, como a análise do incidente do Monte da Transfiguração comprovou. O mesmo pode ser dito sobre o caso de En-Dor, como os leitores constatarão mais adiante.

O estado intermediário. O padrão que rege o Sheol

A fim de que os leitores fiquem bem situados dentro desse debate, é imprescindível falarmos sobre o assunto “estado intermediário”, que é a área da Teologia cristã que estuda a condição da pessoa no período entre a morte e a ressurreição. *Onde e como* estão as pessoas que já morreram? De acordo com a Bíblia, o espírito (= alma)¹² de todos os mortos ia para um lugar chamado Sheol (= Hades).¹³ O Sheol era o reino invisível dos mortos, o local para onde eram enviados os espíritos de todos aqueles que partiam deste mundo, fossem salvos ou perdidos (Gn 37.35; Sl 9.17; 16.10; Lc 16.22, 23; At 2.27, 31, *etc.*). Esse reino era dividido em dois compartimentos: o “paraíso” (= “seio de Abraão”), para onde seguiam os justos (Lc 16.22, 23, 25; 23.43, *etc.*), e um lugar destinado aos injustos, onde eram mantidos sob suplícios (Sl 9.17; Lc 16.23-28, *etc.*). Todos aqueles que morriam, portanto, tinham como destino o Sheol, onde ficavam aguardando o dia da ressurreição.

Uma comparação de textos, contudo, demonstra que, a partir da ascensão de Cristo, os crentes que morrem não mais vão para o Sheol, mas imediatamente para o céu, onde desfrutam da presença do Senhor.¹⁴ Os espíritos de todos os justos que morreram *antes* da ascensão foram transportados por Cristo aos céus (Ef 4.8-10; Hb 12.22, 23), de modo que atualmente o Sheol só abriga e recebe os espíritos dos perdidos, onde permanecerão até o dia da ressurreição dos ímpios. E quando esse terrível dia chegar, então eles finalmente comparecerão perante o “grande trono branco” para serem publicamente julgados, condenados e lançados no “lago de fogo”, sua prisão definitiva (Ap 20.11-15).¹⁵

Examinando alguns textos bíblicos, encontramos um *padrão* que regula o Sheol, por meio do qual aprendemos como “funciona” essa morada dos mortos:

E disse ele [o rico]: Não, pai Abraão; mas, *se algum dentre os mortos fosse ter com eles*, arrepender-se-iam. Porém, Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, *ainda que algum dos mortos ressuscite* (Lc 16.30, 31).

¹² O autor deste livro defende a posição *dicotomista* da constituição humana, que vê o homem como um ser formado de um corpo material e uma alma/espírito imaterial, imortal e pessoal. Aqui, “alma” e “espírito” são vistos como *sinônimos*, referindo-se à única parte do homem que sobrevive conscientemente à destruição do corpo físico.

¹³ *Sheol* é o vocábulo hebraico empregado no AT para falar (dentre outras coisas) do mundo invisível que abrigava os espíritos de todos os mortos. Seu equivalente grego, usado no NT, é *hades*.

¹⁴ Comparar Gn 37.35; Sl 16.10; Lc 16.22, 23; 23.43; At 2.27, 31 com At 7.55, 56, 59; 2Co 5.3-8; Fp 1.21-23; Ap 6.9-11.

¹⁵ O “lago de fogo e enxofre” (Ap 14.10; 19.20; 20.10, 14, 15; 21.8) é a mesma coisa que a *geena* mencionada por Jesus nos evangelhos (Mt 5.22, 29, 30; 10.28; 18.9; 23.15, 33; Mc 9.43, 45, 47; Lc 12.5) e por Tiago em sua carta (Tg 3.6), onde anjos caídos e ímpios serão mantidos sob tormentos infindáveis.

Enquanto estava sob tormentos no lado desventurado do Hades (Lc 16.22, 23), o rico tolamente pediu a Abraão que enviasse Lázaro de volta ao mundo dos vivos. Ele acreditava que Lázaro, que estava no lado agradável do Hades, o “seio de Abraão”, poderia alertar seus irmãos que ainda estavam vivos do terrível destino que também os aguardava no além, caso eles não mudassem seus caminhos tortuosos (vs. 27, 28). Em resposta, Abraão disse ao rico que se os irmãos dele não davam a menor importância à palavra de Deus (“Moisés e aos profetas”), então jamais se arrependeriam, nem mesmo se um morto *ressuscitasse* e pregasse-lhes a palavra (v. 31). Por essa resposta de Abraão, infere-se que a maneira *natural* de um espírito sair do Hades (= Sheol) e entrar em contato com a dimensão dos vivos é se ele estiver unido a um corpo.¹⁶

Analisemos outro texto que reforça ainda mais a existência desse padrão:

Pois não *deixarás* a minha *alma* no *hades*, nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção... Nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo, que a sua *alma* não foi *deixada* no *hades*, nem a sua carne viu a corrupção (At 2.27, 31; v. tb. Sl 16.10).

Assim que morreu, a “alma” de Cristo foi para o Hades (= Sheol), o mundo invisível dos mortos. Foi esse o lugar onde a alma de Jesus ficou durante os três dias em que Seu corpo gélido jazia no sepulcro. Porém, é dito que a alma dEle não foi “deixada” (ou “abandonada”) no Hades. Por quê? Porque ela se uniu novamente ao Seu corpo no domingo da ressurreição.

Ora, se a alma de Cristo “não foi *deixada* no *hades*”, então isso indica que as *outras* almas, das outras pessoas que morreram, são *deixadas* nesse lugar, só podendo sair através da ressurreição, como aconteceu com Jesus. Ou seja, somente Deus pode retirar uma alma do Hades. Se o Pai não tivesse ressuscitado Jesus, seguramente Sua alma estaria, até hoje, abandonada no Hades.

Baseando-se nessas informações, concluímos que tanto as almas dos salvos quanto as dos perdidos só poderão sair de onde atualmente estão no dia da ressurreição. Esse é o *padrão*, o curso normal que rege o Hades. Dessa forma, ainda que um vivo evoque a alma de uma pessoa morta, assim mesmo ele não conseguirá trazê-la para esta dimensão. E mesmo que uma alma queira, por vontade própria, sair do Hades, ela não poderá deixar esse lugar. Excetuando-se Deus, absolutamente nenhuma criatura tem poder para quebrar esse padrão estabelecido.

¹⁶ O fato de os espíritos dos mortos serem “levados” para o Hades (Lc 16.22) pressupõe que seja esse o *local específico* onde eles *devem* ficar encarcerados. Ou seja, tais espíritos não ficam perambulando livremente pelo Universo, interferindo na vida dos vivos. Afinal, que sentido haveria em Deus criar o Hades para ser a morada dos espíritos dos mortos, se tais espíritos pudessem *escolher* entre ficar ou não encerrados nesse lugar?

É possível a comunicação entre vivos e mortos?

Diante do que foi exposto acima, alguém pode legitimamente perguntar: “Se é mesmo verdade que Deus, por duas vezes, quebrou o padrão que regula o Sheol e trouxe o espírito de pessoas mortas ao mundo dos vivos, então Ele não poderia fazer isso *sempre*?” À luz daquilo que a Bíblia ensina sobre o estado intermediário, não acreditamos na possibilidade de outras comunicações entre vivos e mortos além das que ocorreram em En-Dor e no Monte da Transfiguração. Tanto os espíritos dos perdidos (que agora estão no Sheol) quanto os dos salvos (que estão no céu) não podem entrar em contato com nossa dimensão, a menos que passem pela ressurreição. Esse é o *padrão* que regula o Sheol. Os casos de En-Dor e do Monte da Transfiguração, portanto, foram *exceções*, quebras desse padrão. Nesses dois casos, foi o próprio Deus, soberana e milagrosamente, quem retirou o espírito de Samuel e o de Moisés do Sheol, colocando-os temporariamente em contato com o mundo dos vivos.

O que precisamos entender é que o fato de um incidente estar *registrado* na Bíblia não o transforma numa *regra*, num padrão, em algo que, obrigatoriamente, repetir-se-á muitas vezes. Por exemplo, está registrado nas Escrituras que Deus arrebatou Enoque e o profeta Elias, poupando-os da morte física (Gn 5.24; 2Rs 2.1, 5, 11, 12). Ora, isso indica que Deus arrebatava crentes aos céus diariamente, como Ele fez com esses dois homens piedosos? É evidente que não, pois o *padrão* estabelecido, após a Queda, é que todos os homens um dia morram (Gn 3.19; Hb 9.27, *etc.*). Está escrito na Bíblia que Deus abriu o Mar Vermelho para que Seu povo passasse (Ex 14.21, 22). Deus faz isso todos os dias? Não, uma vez que o *padrão* é que os mares sigam o seu fluxo natural. Está registrado nas Escrituras que o SENHOR fez a jumenta de Balaão conversar (Nm 22.28-30; 2Pe 2.15, 16). Acaso Deus abre a boca de animais todos os dias, para que estes repreendam pessoas que estejam no erro? Absolutamente, pois Deus não criou os animais com a capacidade humana de comunicação. O *padrão* instaurado por Deus é que os animais usem seus códigos de sinais característicos para se comunicarem entre si. Ainda poderíamos mencionar muitos outros incidentes que, apesar de estarem registrados nas Escrituras, nem por isso se repetem todos os dias, como se fossem padrões. Tais eventos, inegavelmente, são *exceções* a esses padrões.

E é assim que os incidentes de En-Dor e do Monte da Transfiguração devem ser entendidos. Apesar de registrados na Bíblia, eles são exceções ao padrão que regula o Sheol, segundo o qual os espíritos que lá estão só podem sair por meio da ressurreição. Esses dois incidentes não foram registrados nas Escrituras com o *propósito* de nos ensinar que a comunicação entre vivos e mortos é possível e/ou recomendada por Deus, de onde concluiríamos que os espíritos dos mortos podem sair do Sheol e entrar em contato com os vivos quando bem entenderem, ou quando evocados por algum vivo. Os textos que narram o aparecimento de Samuel e Moisés são textos *narrativos* (e não normativos), e por

isso mesmo apenas relatam coisas que *aconteceram*, e não coisas que *devem* acontecer corriqueiramente.¹⁷ Não podemos transformar a exceção em regra.

No entanto, textos como o Salmo 16.10; Lucas 16.22, 23, 30, 31 e Atos 2.27, 31, que apresentam o Sheol/Hades como sendo o lugar que recebe os espíritos dos mortos e de onde só podem sair por meio da ressurreição, falam daquilo que *deve* acontecer. Tais textos, obviamente, são *normativos*, trazendo a *regra*, o padrão que rege o mundo dos mortos. Disso, concluímos que foi o próprio Deus quem *quebrou* esse padrão ao trazer Samuel e Moisés para a dimensão dos vivos. Biblicamente falando, portanto, a comunicação entre vivos e mortos nunca foi possível. Na história da humanidade, as únicas comunicações *genuínas* foram essas duas registradas na Bíblia, realizadas pelo próprio Deus.

A proibição da necromancia não impediria que Samuel aparecesse

Um dos argumentos centrais apresentados para tentar negar que Samuel apareceu é o fato de a Bíblia, especialmente o AT, condenar abertamente a necromancia (Lv 19.31; Dt 18.9-14, *etc.*). A punição para quem desrespeitasse essa proibição (tanto para o necromante quanto para quem a ele recorria) era a morte (Lv 20.6, 27; 1Cr 10.13, 14). E, por conta disso, é argumentado que Samuel não poderia ter aparecido em En-Dor:

Essa interpretação [a de que Deus teria permitido a Samuel aparecer], porém, é absolutamente improvável, pois se Deus não respondeu a Saul pelos meios legítimos e bíblicos, como lhe falaria por um meio condenável? O Senhor não pode violar sua própria Palavra. Defender a tese de que Deus autorizou Samuel a aparecer naquela sessão mediúnica é o mesmo que acusar a Deus de contradição e pecado.¹⁸ (a nota entre colchetes foi acrescentada)

Antes de comentar essa objeção, julgamos oportuno e importante falar se a proibição da necromancia indicaria que um contato genuíno entre vivos e mortos pode acontecer. Algumas pessoas (sobretudo os espíritas) acreditam que se Deus proibiu a necromancia, então é porque uma comunicação entre vivos e mortos pode, de fato, ocorrer. Deus apenas *não autorizaria* as pessoas a buscarem esse contato por meio dos necromantes.

Porém, será que essa conclusão é verdadeira? Como vimos anteriormente, existe um *padrão* segundo o qual os espíritos dos mortos não podem sair de onde atualmente estão. Dessa forma, concluímos que os espíritos que se manifestam aqui em nosso mundo, alegando serem de pessoas falecidas, na realidade são entidades demoníacas, espíritos mentirosos.

¹⁷ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?*, Ed. Vida Nova, 2ª edição, 1997, pg. 69.

¹⁸ LOPES, Hernandes Dias. *É possível comunicar-se com os mortos?*, Ed. Betânia, 1ª edição, 2003, pg. 37.

Entretanto, a dúvida ainda permanece: se biblicamente é impossível a comunicação entre vivos e mortos, então *por que* assim mesmo Deus proibiu Seu povo de tentar estabelecer essa comunicação? Que sentido há em proibir algo *impossível de acontecer*? Embora as Escrituras não digam (pelo menos explicitamente) o porquê dessa proibição, deixaremos nossa opinião. Acreditamos que essa proibição existe porque Deus quer que os homens se relacionem *somente* com Ele, e não com supostos espíritos de mortos, como ignorantemente faziam os povos pagãos que circundavam Israel (Dt 18.9-14). Deus quer estreitar cada vez mais o nosso relacionamento com Ele, que O busquemos com todo o nosso ser. Agindo dessa forma, receberemos ajuda, consolo e orientação para nossas vidas. E o mais importante: uma vida centralizada no único e verdadeiro Deus nos trará, no final, a vida eterna.

No entanto, quando buscamos ajuda em espíritos que acreditamos serem de mortos, que possuiriam um conhecimento superior ao dos vivos, sem saber acabamos deixando Deus de lado e sendo escravizados por esses seres espirituais do engano. (Talvez isso explique por que as pessoas, após fazerem o primeiro contato com tais espíritos, sempre retornam para conversar com eles, para receberem “passes”. Via de regra, essa prática acaba se tornando um vício.) Ao proibir a necromancia, Deus está dizendo aos homens: “Busquem *somente* a Mim, e não aos espíritos. Ao contrário dessas criaturas, *somente* Eu, o SENHOR, conheço verdadeiramente os seus corações, e por isso mesmo *só* Eu sei o que vocês *realmente* necessitam. Orem *somente* para Mim, observem a Minha palavra, em vez de irem atrás dos espíritos. *Somente* Eu posso guiá-los pelo caminho da salvação”.

A proibição da necromancia, portanto, tem dois objetivos: afastar os homens dos demônios e, ao mesmo tempo, aproximá-los de Deus. Se, por um lado, essa proibição é explícita, taxativa e intimidativa, por outro lado ela expressa o infinito e incompreensível amor e cuidado de Deus pela humanidade. Ele quer que todos sejam salvos. Porém, será que um demônio, fingindo ser o espírito de uma pessoa morta, demonstraria algum interesse em levar um pecador aos pés de Cristo? Impossível. Certamente essa criatura espiritual do mal fará de tudo para afastar esse pecador de Jesus e, portanto, da salvação. Isso explica por que Deus proíbe a necromancia: ela acaba colocando os homens em contato com espíritos enganadores e com muitas outras práticas pagãs associadas à necromancia, tais como o culto aos antepassados, a oração em prol dos mortos, a reencarnação, a crença em vários deuses e semideuses, *etc.* Mergulhados nessas práticas, fatalmente os homens acabam por afastar-se mais e mais de Deus.

Portanto, a proibição da necromancia não indica, necessariamente, que a comunicação entre vivos e mortos pode acontecer. Essa proibição tem a ver com o cuidado amoroso do SENHOR para com os homens, por meio do qual estes sempre são instados a aproximar-se *somente* dEle, a fonte da vida, e não de supostos espíritos de mortos.

Após essas considerações, analisemos a objeção apresentada neste tópico. Ora, a falha dessa objeção está no fato de não existir nenhuma *relação* entre a proibição da necromancia e a aparição de Samuel, a ponto de essa proibição impedir Deus de retirar o espírito de Samuel do Sheol e fazê-lo conversar com Saul. Como assim? Raciocinem conosco. A proibição, obviamente, é *dirigida aos homens*. Ou seja, Deus proíbe os homens de buscarem contato com os mortos. Porém, de forma alguma essa proibição indica que *Deus* não pode retirar um espírito do Sheol e enviá-lo ao mundo dos vivos, como de fato Ele fez em En-Dor e no Monte da Transfiguração.¹⁹ O que aqueles que negam a aparição de Samuel precisam compreender é o seguinte: “Deus proibir a necromancia” é uma coisa; porém, “Deus trazer Samuel para falar com Saul” é outra completamente diferente. A proibição da necromancia e a aparição de Samuel são duas coisas completamente distintas e dissociadas. Elas não estão correlacionadas, de modo que a existência de uma inviabilize a outra. Infelizmente, aqueles que negam a aparição de Samuel ainda não perceberam essa falha central em sua forma de raciocinar, e por isso mesmo acabam relacionando dois eventos que são completamente independentes.

Portanto, ao ter trazido Samuel para falar com Saul, Deus não foi contraditório nem violou a lei contra a necromancia que Ele mesmo estabeleceu. Isso só teria ocorrido se Ele tivesse proibido a necromancia e, depois, orientasse as pessoas a praticá-la. Porém, Deus nunca fez isso. No incidente de En-Dor, somente Saul foi contraditório e transgressor da Lei. Transgressor porque buscou uma necromante para tentar se comunicar com o falecido Samuel, infligindo, dessa maneira, o mandamento divino; e, contraditório, porque foi atrás de uma pessoa (uma necromante) que outrora ele mesmo perseguira e expulsara do território de Israel (1Sm 28.3).

O fato de Deus não ter respondido a Saul não impediria que Samuel aparecesse

Consultou Saul ao SENHOR, porém o SENHOR não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas (1Sm 28.6; v. tb. vs. 15, 16).

O versículo acima constitui-se noutro argumento fundamental empregado para tentar negar que Samuel apareceu. Ao lê-lo, as pessoas concluem que se

¹⁹ A Bíblia diz 1) que é proibido aos homens consultarem os mortos, e 2) que os espíritos dos mortos só podem sair do Sheol por intermédio da ressurreição. Porém, em lugar algum é dito que *Deus* não pode retirar um espírito do Sheol e enviá-lo ao mundo dos vivos, como Ele fez em En-Dor e no Monte da Transfiguração. Logo, não há absolutamente nenhum problema teológico ou moral em acreditar que Deus trouxe Samuel e Moisés para o mundo dos vivos. E, ao ter feito isso, evidentemente Deus não estava praticando a necromancia.

Deus não havia respondido a Saul, então Ele não poderia ter enviado, posteriormente, qualquer tipo de mensagem a esse rei. Logo, isso seria uma prova de que um demônio teria aparecido em En-Dor, e não Samuel.

Todavia, essa interpretação de 1Samuel 28.6 é equivocada e destituída de qualquer apoio textual. Ler esse texto e, no final, chegar a essa conclusão, não passa de uma tentativa de injetar uma idéia particular e estranha ao texto sagrado, de modo a fazê-lo dizer aquilo que o intérprete quer. E por quê? Ora, *onde está escrito* em 1Samuel 28.6 que o SENHOR *jamaiz* poderia enviar uma mensagem a Saul? É isso o que está escrito nesse texto? Não! Esse versículo diz, clara e inegavelmente, que Deus não respondeu a Saul numa ocasião em que ele buscou ajuda. Entretanto, onde é dito que Deus *nunca mais* enviaria uma mensagem a Saul? O texto em análise diz objetivamente que o SENHOR “não lhe respondeu”, e não que o SENHOR “nunca mais lhe responderia”. Acaso “não responder *uma vez*” é o mesmo que “*nunca mais* responder”? Está escrito em 1Samuel 28.6 (ou em qualquer outro texto da Bíblia) que Deus *jamaiz* enviaria uma mensagem a Saul, quer fosse uma mensagem de aprovação ou reprovação, de vida ou morte? Se a Bíblia dissesse isso nalgum lugar, então aí sim haveria algum problema em dizer que Deus enviou Samuel, posteriormente, para levar aquela mensagem a Saul.

Por não ter obtido um auxílio rápido da parte de Deus, o sempre precipitado Saul acabou recorrendo àquela necromante de En-Dor. E por conta dessa atitude impulsiva, que extrapolou todos os limites da desobediência, Deus enviou Samuel para entregar uma mensagem que selaria tragicamente o destino desse rei, botando um fim em seu desastroso reinado. Ora, onde está o problema nisso que Deus fez? Acaso Ele pecou, se contradisse, deixou de ser Deus ou foi contra a Bíblia ao realizar essa obra? Não, pois em lugar algum da Bíblia, nem mesmo em 1Samuel 28.6, está escrito que Deus nunca mais enviaria uma mensagem a Saul.²⁰

Portanto, não há problema algum em acreditar que Deus enviou Samuel a En-Dor. O problema só existe na cabeça daqueles que rejeitam a aparição desse profeta. 1Samuel 28.6 diz claramente que Deus não respondeu a Saul quando este buscou ajuda para enfrentar os filisteus, e não que Deus *jamaiz* enviaria uma mensagem a esse rei. É isso o que está escrito objetivamente nesse versículo, tornando impossível qualquer conclusão diferente dessa. Os únicos que dizem que Deus nunca mais enviaria uma mensagem a Saul são aqueles que negam que Samuel apareceu. Porém, é isso o que o texto de 1Samuel 28.6 está dizendo? Sem a menor dúvida, há uma diferença gigantesca entre “o

²⁰ Também haveria algum problema se Deus tivesse enviado Samuel posteriormente para *ajudar* Saul. Nesse caso, Ele estaria sendo incoerente, pois antes já havia rejeitado esse desobediente rei. Contudo, em momento algum Deus enviou Samuel com esse propósito. Saul foi atrás de Samuel para obter ajuda; contudo, Deus enviou esse profeta com uma mensagem que piorou, ainda mais, a situação dele.

SENHOR não lhe respondeu” e “o SENHOR *nunca mais lhe responderia*”. Alguém discorda disso?

Saul foi morto porque consultou a necromante e não ao SENHOR. Porém, assim mesmo Samuel apareceu

Assim, morreu Saul por causa da sua transgressão cometida contra o SENHOR, por causa da palavra do SENHOR, que ele não guardara; e também porque interrogara e consultara uma necromante e não ao SENHOR, que, por isso, o matou e transferiu o reino a Davi, filho de Jessé (1Cr 10.13, 14).

Baseando-se nesses dois versículos, é argumentado que Samuel não poderia ter aparecido:

Se Saul consultou a feiticeira e não a Deus, então não foi Samuel que apareceu naquela sessão mediúnica... Saul não consultou o Senhor. Ele consultou uma necromante. Portanto, não foi Samuel quem apareceu naquela sessão espírita... O registro bíblico declara que Deus o matou porque ele consultou uma necromante e não o Senhor (1Cr 10.13, 14). Se Saul tivesse consultado Samuel, Deus não teria negado esse fato nem o matado por causa disso... A Bíblia afirma claramente que o Senhor matou Saul porque ele consultou uma feiticeira. Como Deus faria isso se tivesse permitido que Samuel aparecesse naquela sessão de feitiçaria?²¹

Porém, essas duas objeções ao aparecimento de Samuel são infundadas. Na primeira delas, o erro reside no fato de que, *apesar de* Saul ter consultado a necromante e não a Deus, *assim mesmo* Samuel apareceu. 1Samuel 28 *não* diz que Saul consultou a necromante e que, por causa disso, Samuel não apareceu. Pelo contrário, esse texto diz abertamente que foi “Samuel” quem apareceu e falou a Saul. Desse modo, o que o autor da objeção transcrita acima precisa explicar é o fato de Saul ter consultado a necromante e Samuel ter aparecido. Como que essa aparição pôde ter ocorrido? Teria Deus trazido Samuel para falar com Saul? É isso o que precisa ser explicado, pois é justamente isso o que o texto de 1Samuel 28 diz clara e repetidamente. Negar a aparição de Samuel com base no fato de Saul ter consultado a necromante, e não a Deus, é uma tentativa disfarçada de contornar aquilo que 1Samuel 28 diz tão nitidamente: que o falecido “Samuel” apareceu e conversou com Saul. Ao lançar esse argumento, no final a pessoa acaba deixando o texto de 1Samuel 28 de lado, sem analisá-lo frontalmente e com profundidade.

Por último, se Samuel ou um demônio tivesse aparecido em En-Dor, daria no mesmo: Deus teria matado Saul da mesma forma. Afinal, Saul foi morto porque

²¹ LOPES, Hernandes Dias. *É possível comunicar-se com os mortos?*, Ed. Betânia, 1ª edição, 2003, pgs. 43, 44, 46, 47.

“interrogara e consultara uma necromante” (como 1Cr 10.13, 14 diz claramente), e não porque *Samuel apareceu!* Ou será que uma *autêntica* aparição de Samuel *anularia o pecado* de Saul de ter recorrido àquela necromante, de modo que Deus não mais poderia matá-lo? Logo, essa segunda objeção mostra-se equivocada e sem sentido.

Dessa forma, 1Crônicas 10.13, 14 apenas diz que a consulta que Saul fez àquela pitonisa de En-Dor agravou ainda mais sua situação. Se ele já estava em falta perante Deus, essa consulta foi a gota d’água para a decretação de sua morte e fim de seu reinado, razão pela qual Deus enviou Samuel com aquela terrível mensagem. Porém, de forma alguma esse texto pode ser usado para negar a aparição de Samuel. Enquanto 1Samuel 28 fala da consulta que Saul fez àquela necromante e da aparição de Samuel, 1Crônicas 10.13, 14 diz que essa consulta custou-lhe a vida. Ora, em que essas informações de 1Crônicas depõem contra a aparição de Samuel? Resposta: em absolutamente nada! Esses dois versículos de 1Crônicas dizem que a consulta de Saul à pitonisa foi uma das razões pelas quais Deus o matou, e não que Samuel não apareceu em En-Dor.

ANÁLISE DO TEXTO DE 1SAMUEL 28

A IDENTIFICAÇÃO DE SAMUEL (28.12-14)

Depois dessas importantíssimas considerações iniciais, agora entraremos diretamente na análise do texto de 1Samuel 28. Como os leitores perceberão, não há dificuldade alguma para compreender esse capítulo, de modo que uma leitura simples, porém atenta, de seu conteúdo já será mais que suficiente para fazer a identificação daquele ser espiritual que falou com Saul. Só precisaremos deixar que o texto bíblico fale por si mesmo, naturalmente, sem querer forçá-lo a dizer aquilo que queremos. Após ler 1Samuel 28 com essa postura, faremos três perguntas bastante simples, contudo estratégicas, ao texto. As respostas que o próprio texto nos dará farão com que a identidade daquele ser espiritual que apareceu venha à tona.

Em nossa opinião, o trecho de 1Samuel 28.12-14 é a chave para resolver essa discussão em torno de quem teria aparecido em En-Dor. E por quê? Porque esses são os únicos versículos de todo o relato que foram escritos com o *propósito* de fazer, especificamente, a *identificação* daquele ser espiritual. Uma interpretação correta de 1Samuel 28, portanto, primeiramente examinará o que diz esse trecho, pois é nele que a identidade daquela criatura espiritual é revelada.

Dizemos isso porque nossos irmãos que negam que Samuel apareceu não dão muita atenção ao trecho de 1Samuel 28.12-14. Na maioria das vezes, fazem uma leitura bastante superficial e desatenta desses três versículos, pois seus

esforços estão mais voltados às *palavras* que aquele ser disse a Saul (vs. 15-20), nas quais procuram apontar supostos erros e contradições. Tudo isso serviria para provar que aquele ser não era Samuel, mas um espírito maligno. Enfim, eles procuram identificar aquele ser espiritual principalmente a partir da análise das palavras que ele pronunciou.

Nós, porém, seguimos outro caminho, fazendo essa identificação diretamente nos versículos que foram escritos justamente com esse propósito. Somente depois disso passamos a examinar o teor das palavras ditas por aquela criatura espiritual. Dessa forma, se uma exegese de 1Samuel 28.12-14 identificar aquele ser como o falecido Samuel, então, sem dúvida, foi Samuel quem disse a Saul as palavras registradas nos versículos 15-20. Mas, se for identificado como um demônio, então seremos obrigados a reconhecer que as palavras que Saul ouviu vieram de um demônio. Abaixo os três versículos que fazem a identificação daquele ser:

(v. 12) *Vendo a mulher a Samuel, gritou em alta voz; e a mulher disse a Saul: Por que me enganaste? Pois tu mesmo és Saul.*

(v. 13) *Respondeu-lhe o rei: Não temas; que vês? Então, a mulher respondeu a Saul: Vejo um deus que sobe da terra.*

(v. 14) *Perguntou ele: Como é a sua figura? Respondeu ela: Vem subindo um ancião e está envolto numa capa. Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra e se prostrou.*

Foi o narrador inspirado quem afirmou que a necromante viu “Samuel” (v. 12)

Com base nesses três versículos, façamos três perguntas. Primeira: “Saul viu aquele ser que apareceu?” O texto deixa bem claro que a *única* pessoa que viu aquela criatura espiritual foi a necromante. O simples fato de Saul ter querido saber o que ela estava vendo (vs. 13a, 14a) já comprova isso. Saul não viu nada, apenas *ouviu* aquele ser espiritual falar.

Considerando que a mulher foi a única pessoa a ver aquele ser espiritual, deixamos a segunda pergunta: “A *mulher* disse a Saul que estava vendo ‘Samuel’?” Por não darem a devida atenção ao que 1Samuel 28.12-14 diz, muitas pessoas respondem “sim”. Porém, essa resposta está completamente errada, pois em momento algum a mulher disse que viu “Samuel”. Ao ser perguntada sobre o que via, ela respondeu: “Vejo *um deus* [heb. *elohim*] que sobe da terra” (v. 13b). Em seguida, quando Saul quis saber a aparência desse *elohim*, ela então lhe deu a descrição: “Vem subindo *um ancião* e está *envolto numa capa*” (v. 14b). Porém, notem os leitores que a mulher jamais disse a Saul que estava vendo “Samuel”. Embora tenha sido a única pessoa a ver aquele ser, a mulher apenas o *descreveu*. Em momento algum ela o *identificou* como “Samuel”. Para uma correta compreensão de 1Samuel 28, é fundamental que os leitores gravem bem este detalhe: a pitonisa viu e descreveu aquele ser, porém ela *não sabia quem*

ele era. Esse detalhe, como veremos no próximo parágrafo e no decorrer deste livro, é extremamente importante para esse debate.

Finalmente, a terceira e decisiva pergunta: “Se a mulher não sabia quem era aquele ser que estava vendo, então *quem* o identificou como ‘Samuel’?” Resposta: o narrador inspirado. A declaração: “Vendo a mulher a *Samuel*” (v. 12a), que está na *terceira pessoa*, é a fala *do* narrador bíblico, na qual ele dá *seu* parecer inspirado e inerrante sobre a identidade daquele ser. A mulher não disse que viu “Samuel”, pois ela desconhecia a identidade daquele ser; porém, o escritor bíblico (a pessoa que Deus usou para registrar esse incidente na Bíblia), por ser inspirado por Deus, sabia quem ele era. Segundo ele, a criatura que a mulher viu era “Samuel”, o falecido profeta de Deus. Eis aí, portanto, a identidade daquele ser que apareceu em En-Dor! Foi o próprio Deus, usando o narrador inspirado, quem fez essa identificação.

Porém, surge um grande e sério problema para quem diz que um “demônio” apareceu em En-Dor: se aquela mulher viu, realmente, um espírito maligno, então isso indica que o narrador inspirado *mentiu* (ou errou, ou foi enganado por alguém) ao dizer que ela vira “Samuel”? Ora, admitir que ele mentiu seria o mesmo que acusar o próprio Deus de ter mentido, pois foi Ele quem inspirou o narrador a registrar essa declaração na Bíblia. Tal acusação, além de ser uma blasfêmia, ainda destruiria totalmente a inspiração divina da Bíblia, pois estaríamos dizendo que o escritor bíblico, quando está narrando na terceira pessoa, pode fazer declarações que *não* condizem com aquilo que realmente aconteceu. Ele escreveu que a mulher viu “Samuel”, mas na *realidade* ela teria visto um “demônio”. E agora? O narrador inspirado, ao narrar *na terceira pessoa*, pode mentir para nós, fazendo declarações que não expressam aquilo que de fato aconteceu?

Ora, é claro que ele não pode mentir! Afinal, em textos narrativos, aquilo que está escrito na *terceira pessoa* é a fala *do* narrador inspirado, na qual ele só relata as coisas como elas *verdadeiramente* aconteceram. Numa declaração desse tipo, o narrador, por ser inspirado, é onisciente; ou seja, ele tem ciência de tudo, inclusive dos pensamentos, sentimentos e desejos dos personagens envolvidos no evento narrado. Absolutamente nada escapa ao seu conhecimento. E por quê? Porque é o próprio Deus quem testemunha os acontecimentos, inspirando posteriormente Seus servos a registrá-los fielmente na Bíblia. Nesse caso, é impossível que o narrador inspirado, escrevendo na terceira pessoa, minta para nós ou relate um acontecimento que não condiz com aquilo que realmente aconteceu. Quando ele escreve na terceira pessoa, devemos ter em mente que é o *próprio Deus* quem está falando.

Dessa forma, o escritor inspirado, em 1Samuel 28.12, ao narrar na terceira pessoa, apenas registrou as coisas como elas *realmente* aconteceram. E se ele escreveu: “Vendo a mulher a *Samuel*”, então é porque aquela necromante viu, de fato, “Samuel”, o falecido servo de Deus. Se ele tivesse escrito: “Vendo a mulher um *espírito mau*”, então seríamos obrigados a acreditar que ela havia

visto um espírito mau, um demônio. As teorias de que essa declaração na terceira pessoa não expressa a opinião infalível do escritor inspirado só ficam de pé se a inspiração divina das Escrituras cair, e vice-versa.

A expressão “vejo *um deus* que sobe da terra” (v. 13)

Os que rejeitam a aparição de Samuel argumentam que a declaração da pitonisa: “Vejo *um deus* [heb. *elohim*] que sobe da terra” (1Sm 28.13) comprova que aquele ser que apareceu não era Samuel, mas um demônio:

Em 1Samuel 28.13, a mulher diz: “Vejo deuses que sobem da terra”. Quem eram? Só podiam ser deuses do inferno.²²

Todavia, não existe a menor possibilidade de o termo hebraico *elohim*,²³ em 1Samuel 28.13, ter sido usado pela necromante com o sentido de “demônio” (ou “demônios”).²⁴ E por quê? Ora, vejam que Saul, mesmo após a mulher ter-lhe dito que estava vendo *elohim*, ainda sim não foi capaz de identificar aquele ser espiritual.²⁵ Ou seja, esse termo hebraico foi empregado com um sentido que impossibilitava a identificação daquela criatura espiritual, tanto por parte da necromante quanto por parte de Saul.

Diante disso, com qual sentido *elohim* foi empregado em 1Samuel 28.13? Ora, a melhor tradução para esse vocábulo, e que se encaixa perfeitamente a esse contexto, é: “Vejo *um ser* que sobe da terra”.²⁶ E *quem era* esse *elohim* que a mulher viu mas desconhecia a identidade? Segundo o escritor inspirado, era “Samuel” (v. 12)! Desse modo, dependemos somente do escritor inspirado para saber, sem qualquer chance de erro, a identidade daquele *elohim* que a pitonisa viu.

Samuel jamais poderia ter *descido do céu* (v. 13)!

²² RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. *Desmascarando as Seitas*, Ed. CPAD, 1ª edição, 1996, pg. 208.

²³ O vocábulo hebraico *elohim* é a forma plural de *eloah*, e é aplicado no AT ao Deus único e verdadeiro (Gn 1; Is 40.28, etc.), a falsos deuses (Jz 11.24; 1Rs 11.5, etc.), a anjos (Sl 8.5; 104.4, etc.) e a juízes humanos (Ex 21.6; 22.8, 9; 1Sm 2.25, etc.).

²⁴ Se a mulher tivesse pronunciado *elohim* com o sentido de “demônio” (ou “demônios”), então Saul certamente lhe teria dito: “Eu não quero falar com um *demônio*, mas com Samuel!” Portanto, torna-se claro que *elohim*, aqui em 1Samuel 28.13, não tem esse significado.

²⁵ Saul só percebeu que era Samuel quem estava presente depois que a mulher lhe disse que aquele ser (*elohim*) era um “ancião” que trajava uma “capa” (1Sm 28.14). Por causa desses detalhes, ele imediatamente concluiu que Samuel havia aparecido, pois, quando vivo, esse velho profeta sempre trazia sobre si uma capa (15.27).

²⁶ Outra tradução admissível é: “Vejo *um espírito* [*elohim*] que sobe da terra”.

Com base na afirmação da pitonisa: “Vejo um deus que *sobe da terra*” (v. 13), é argumentado que aquele ser que surgiu em En-Dor era um espírito maligno:

O que Saul pediu para a necromante? Ele pediu para que ela fizesse subir a Samuel. O falso Samuel que apareceu na cena espírita subiu da terra (1Sm 28.11). Caso ele fosse o verdadeiro, teria de descer do céu... Ora, então, se Samuel fosse aparecer naquela sessão espírita, ele não iria subir, mas descer... quem apareceu naquela sessão mediúnica não foi Samuel, e sim um espírito enganador, procedente do abismo.²⁷

Entretanto, esse argumento apenas revela ignorância acerca do estado intermediário dos mortos. Ou seja, daquilo que a Bíblia ensina sobre o destino da pessoa no período entre a morte e a ressurreição. À época em que Samuel e Saul morreram, os espíritos de salvos e perdidos iam para o *mesmo lugar*: o Sheol (= Hades). Porém, lá chegando eles seguiam para compartimentos distintos, onde recebiam tratamentos diferenciados (Sl 9.17; 16.10; Lc 16.22-31; 23.43; At 2.27, 31, *etc.*). Ou seja, os salvos (incluindo Samuel), naquele período, não “subiam ao céu”, como a objeção transcrita acima equivocadamente coloca, mas iam para o Sheol.

Desse modo, se Samuel, que morreu salvo, obrigatoriamente deveria ter descido do céu, então teríamos que admitir, absurdamente, que *Saul* morreria e também *iria para o céu*. Afinal, salvos e perdidos morriam e seguiam para o mesmo local. Logo, tanto Samuel quanto Saul morreram e foram para o Sheol, não para o céu.

Outro detalhe: notem os leitores que o próprio Saul pediu à pitonisa que lhe fizesse Samuel “subir” (1Sm 28.8, 11b). Ora, se Saul acreditasse que Samuel deveria “descer do céu” (pois somente os demônios subiriam da terra), então ele jamais teria feito esse pedido. Pelo contrário, ele teria solicitado à mulher: “Faze-me *descer* a Samuel”, em vez de: “Faze-me *subir* a Samuel”.²⁸

Dessa forma, torna-se claro que justos e injustos, no tempo em que Samuel e Saul morreram, não iam para o céu, mas para o mundo inferior dos mortos, o Sheol. Dito isso, é óbvio que Samuel jamais poderia ter descido do céu!

O espírito de Samuel estava usando uma “capa” (v. 14)?

²⁷ LOPES, Hernandes Dias. *É possível comunicar-se com os mortos?*, Ed. Betânia, 1ª edição, 2003, pgs. 48, 49.

²⁸ Era crença comum (e correta) no AT de que o espírito de todos os mortos (salvos e perdidos) ia para uma região inferior, o Sheol, localizada abaixo da terra. Vejam que a necromante (“Quem te farei *subir*?”, 1Sm 28.11a), Saul (“e me faças *subir*”, v. 8; “Faze-me *subir* Samuel”, v. 11b) e o próprio Samuel (“Por que me inquietaste, fazendo-me *subir*?”, v. 15a) criam dessa maneira. Logo, não há base bíblica alguma para afirmar que Samuel deveria ter vindo de cima, do céu.

“Vem subindo um ancião *envolto numa capa*” (1Sm 28.14), disse a mulher a Saul ao descrever a aparência daquele ser que estava vendo. Segundo algumas pessoas, essa descrição seria um indício de que aquela criatura espiritual não era Samuel, mas um demônio. “Será que um *espírito* humano pode usar uma *capa*?”, astutamente indagam.

Entretanto, essa objeção é muito ingênua, sendo facilmente refutada por meio de outra pergunta: “Acaso um *demônio*, que é um ser *espiritual*, pode usar uma *capa*?” Portanto, torna-se notória a fragilidade desse tipo de raciocínio. O espírito de Samuel manifestou-se com uma capa; porém, é evidente que não era uma capa *literal*. A fim de facilitar o reconhecimento, aquela aparição carregou em si a imagem de como Samuel era, falava e se vestia enquanto estava vivo.

A expressão “*entendendo Saul que era Samuel*” (v. 14)

A palavra “entendendo” (1Sm 28.14), além de ser um dos argumentos mais importantes para tentar negar a aparição de Samuel, também é uma das palavras mais distorcidas de 1Samuel 28. Conforme aqueles que negam que Samuel apareceu, assim que ouviu a descrição dada pela necromante, Saul teria entendido, equivocadamente, que Samuel havia aparecido. Embora um “demônio” tivesse aparecido, Saul teria concluído que era “Samuel”.

Contudo, esse argumento só demonstra o quanto as pessoas, quando lêem um texto bíblico já predispostas a defender uma idéia particular, são capazes de distorcer seu sentido, chegando a conclusões equivocadas. Como assim? Ora, acaso a declaração: “*Entendendo Saul que era Samuel*”²⁹ é o mesmo que: “Entendendo Saul, *equivocadamente*, que era Samuel”? Será que a palavra “entendendo”, sozinha, traz em si, implicitamente, o sentido de “entender equivocadamente”? É óbvio que não! Desse modo, a expressão “Entendendo Saul que era Samuel” de forma alguma pode ser usada para dizer que Saul entendeu incorretamente que Samuel aparecera. Se estivesse escrito: “Entendendo Saul, *erroneamente*, que era Samuel”, então aí sim seríamos obrigados a admitir que Samuel não havia aparecido, mas que Saul equivocara-se. Porém, não é isso o que está escrito em 1Samuel 28.14.

Por fim, o simples fato de ter sido o *narrador inspirado* quem declarou, na terceira pessoa, que Saul entendeu que era Samuel, demonstra que Saul estava certo nesse seu entendimento. Do contrário, certamente o narrador teria nos informado sobre isso em seu relato. Como já vimos, o narrador, quando escreve na terceira pessoa, apenas registra, fielmente, aquilo que *realmente* aconteceu. Logo, para ele Saul entendeu corretamente que Samuel estava presente naquela casa!

²⁹ A palavra portuguesa “entendendo” traduz o vocábulo hebraico *yada*, que significa “conhecer na prática ou na experiência”, “perceber”, “entender”, “reconhecer”.

A força de atração e convencimento dessa “tradição da maioria” é tão poderosa, que as pessoas, inconscientemente, lêem o texto de 1Samuel 28 já inclinadas a atribuir sentidos estranhos e inexistentes às palavras. Pensamos que só isso poderia explicar como que elas conseguem, inacreditavelmente, concluir que a expressão “Entendendo Saul que era Samuel” significa “Entendendo Saul, *equivocadamente*, que era Samuel”. Inegavelmente, há um abismo intransponível que separa o sentido dessas duas expressões!

Saul não adorou Samuel (v. 14)

Devido à declaração: “Entendendo Saul que era Samuel, *inclinou-se com o rosto em terra e se prostrou*” (v. 14), há quem argumente que aquele ser não era Samuel, mas um demônio. E por quê? Porque Saul, ao prostrar-se perante aquela criatura, a teria adorado, sem, contudo, ter recebido censura alguma por esse ato. “Se aquele ser fosse Samuel, certamente teria repreendido Saul, pois apenas Deus é digno de adoração (cf. Ap 22.8, 9). Somente um demônio aceitaria ser adorado”.

Entretanto, onde está escrito em 1Samuel 28.14 que Saul “adorou” Samuel? Acaso o verbo “adorar” aparece nesse versículo? Será que a expressão “inclinou-se com o rosto em terra e se prostrou” revela um ato de adoração prestado por Saul a Samuel? É óbvio que não! Esse ato de Saul era totalmente normal entre os orientais quando queriam demonstrar reverência por outra pessoa que consideravam importante e superior (Gn 42.6; 1Sm 25.23; 2Sm 9.6; 24.20; 2Rs 2.14, 15, *etc.*), não tendo absolutamente nada a ver com qualquer atitude de adoração. Se Saul adorou Samuel só porque se prostrou ao perceber que esse profeta havia aparecido, então vejamos o que Davi fez num dado momento de sua vida: “Olhando Saul para trás, *inclinou-se Davi e fez-lhe reverência, com o rosto em terra*” (1Sm 24.8). Será que Davi, ao prostrar-se com o rosto em terra, estava *adorando* o rei Saul?

Portanto, uma exegese cuidadosa e detalhada de 1Samuel 28.12-14, o trecho que faz, especificamente, a *identificação* daquele ser espiritual, demonstra que foi mesmo Samuel quem apareceu em En-Dor. Desses três versículos, o décimo segundo é o mais importante, pois é nele que o *escritor inspirado* faz a identificação da criatura que a mulher viu. Como afirmamos no início desta análise, o fato de a pitonisa desconhecer a identidade daquela criatura também se reveste de grande importância nesse debate. Esse detalhe, aliado à declaração do narrador inspirado no versículo 12, na terceira pessoa, traz à luz a identidade daquele ser.

Para acreditar que a pitonisa viu o falecido Samuel, não dependemos da descrição que ela fez daquele ser ou daquilo que Saul entendeu. Dependemos somente da declaração: “Vendo a mulher a Samuel” (v. 12). Cem por cento de nossa convicção de que aquela criatura era Samuel repousa sobre essa

declaração, na terceira pessoa, do versículo 12 (e, também, dos vs. 15, 16, 20). Se *Deus*, por meio do narrador inspirado, diz que o ser que aquela mulher viu era “Samuel”, quem somos nós para contrariá-Lo?

AS PALAVRAS DE SAMUEL (28.15-20)

Como já foi demonstrado anteriormente, aqueles que defendem a aparição de um demônio concentram seus esforços especialmente nas *palavras* proferidas por aquele ser espiritual. E, a partir delas, apontam incoerências e erros supostamente cometidos por aquele ser. “Se foi mesmo Samuel quem apareceu, então por que ele errou e foi contraditório nalgumas de suas declarações? A Bíblia diz que nenhuma das palavras de Samuel caiu por terra (1Sm 3.19). Contudo, por que a profecia daquele ser, relativa à sorte final de Saul, não se cumpriu? Portanto, não foi Samuel quem apareceu em En-Dor e conversou com Saul, mas um espírito maligno”.

Entretanto, se vimos na análise de 1Samuel 28.12-14 que o narrador inspirado identificou aquele ser que a pitonisa viu como o falecido “Samuel”, então essas acusações não têm fundamento algum. Nesse caso, a análise das palavras de Samuel, que será realizada a seguir, deve estar em perfeita harmonia com a análise na qual fizemos a identificação desse profeta.

Vejam abaixo o diálogo entre Samuel e Saul.

(v. 15) *Samuel disse* a Saul: Por que me inquietaste, fazendo-me subir? Então, disse Saul: Mui angustiado estou, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se desviou de mim e já não me responde, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos; por isso, te chamei para que me reveles o que devo fazer.

(v. 16) Então, *disse Samuel*: Por que, pois, a mim me perguntas, visto que o SENHOR te desamparou e se fez teu inimigo?

(v. 17) Porque o SENHOR fez para contigo como, por meu intermédio, ele te dissera; tirou o reino da tua mão e o deu ao teu companheiro Davi.

(v. 18) Como tu não deste ouvidos à voz do SENHOR e não executaste o que ele, no furor da sua ira, ordenou contra Amaleque, por isso, o SENHOR te fez, hoje, isto.

(v. 19) O SENHOR entregará também a Israel contigo nas mãos dos filisteus, e, amanhã, tu e teus filhos estareis comigo; e o acampamento de Israel o SENHOR entregará nas mãos dos filisteus.

(v. 20) De súbito, caiu Saul estendido por terra e foi tomado de grande medo por causa das *palavras de Samuel*; e faltavam-lhe as forças, porque não comera pão todo aquele dia e toda aquela noite.

Foi o narrador inspirado quem afirmou que “Samuel” conversou com Saul (vs. 15, 16, 20)

Assim como foi o narrador inspirado quem afirmou, na terceira pessoa, que o ser que a necromante viu era “Samuel” (v. 12), também foi ele quem declarou que o ser que falou com Saul era “Samuel”: “*Samuel* disse a Saul” (v. 15); “Então, disse *Samuel*” (v. 16); “caiu Saul estendido por terra e foi tomado de grande medo por causa das palavras de *Samuel*” (v. 20).

Portanto, tudo aquilo que foi dito na análise de 1Samuel 28.12 também se aplica às declarações acima citadas. Em outras palavras, o escritor bíblico, ao narrar na terceira pessoa, deu o *seu* parecer inspirado e infalível, afirmando que foi o falecido Samuel quem conversou com Saul. Negar isso, além de acarretar sérios problemas à exegese bíblica, inevitavelmente leva à rejeição da inspiração divina da Bíblia.

A expressão “Por que me inquietaste, fazendo-me subir?” (v. 15)

Há quem alegue que as palavras acima seriam um indício de que não foi Samuel quem apareceu, pois aquele ser espiritual sentiu-se *irritado* ao conversar com Saul. “Se Deus realmente tivesse enviado Samuel para entregar uma mensagem a Saul, então esse profeta deveria ter vindo *alegremente* e de bom grado cumprir essa missão, em vez de demonstrar irritação”. Essa irritação também indicaria que o *descanso* dos salvos que já partiram pode ser *interrompido* pelos vivos. “É inconcebível que o repouso dos justos que estão no Paraíso possa ser interrompido por alguém que esteja vivo! Logo, não foi Samuel quem apareceu, mas um demônio”.

Embora a princípio pareçam intransponíveis, essas duas objeções carecem de lógica e fundamentação bíblica. Em resposta à primeira, é evidente que Samuel só poderia ter demonstrado irritação ao estar perante Saul. Aqueles que apresentam essa objeção queriam o quê? Que Samuel aparecesse perante Saul completamente feliz e, em seguida, entusiasmadamente lhe dissesse: “Saudações, amado Saul! Saul, hoje é o dia mais feliz de minha vida, pois estou diante de você, um rei pecador e desobediente a Deus!”? Logo, é óbvio que Samuel (ou qualquer outro profeta de Deus) só poderia ter sentido irritação ao encontrar-se com Saul. Alegria que ele jamais poderia ter sentido! A irritação de Samuel não foi em relação a Deus, por Ele tê-lo incumbido daquela missão, mas *em relação a Saul*. (Vejam como o versículo 15 é claríssimo em dizer que *quem* inquietou Samuel foi *Saul*, não Deus.) Até nós (assim como aqueles que negam que Samuel apareceu), caso fôssemos enviados por Deus para entregar aquela mensagem a Saul, ficaríamos irritados ao nos encontrar com um rei como esse!

Outro detalhe: o fato de aquele ser espiritual mostrar-se irritado perante Saul é um argumento que serve justamente para reforçar, ainda mais, a idéia de que foi Samuel quem apareceu, e não um demônio. Por quê? Ora, porque um

demônio jamais demonstraria irritação ao comunicar-se com alguém numa sessão de necromancia. Essa atitude ríspida e mal-humorada certamente desestimularia qualquer pessoa a continuar recorrendo aos espíritos. Com certeza um demônio, fingindo ser o espírito de um morto, demonstraria alegria e boa vontade ao falar com um consulente, procurando ajudá-lo em seus problemas. Essa atitude positiva e amigável, sem dúvida, atrairia ainda mais essa pessoa às práticas espíritas. Dessa maneira, irritação era o *único* sentimento que poderíamos esperar que Samuel (ou qualquer outro profeta genuíno de Deus) demonstrasse ao deparar-se com Saul. Se aquele ser espiritual tivesse ficado *feliz* ao estar perante Saul, então aí sim teríamos todas as razões do mundo para dizer que ele era um demônio!

Com relação à segunda objeção, a de que o descanso de Samuel no além não poderia ter sido suspenso, ela igualmente é destituída de sentido e respaldo bíblico. Ora, acaso haveria algum problema se Deus interrompesse o descanso de Samuel no Paraíso por alguns momentos e, em seguida, o fizesse levar aquela mensagem a Saul? Deus estaria pecando, contradizendo-se, deixando de ser Deus ou indo contra a Bíblia se realizasse esse milagre? Se sim, então Jesus incorreu nessas falhas quando ressuscitou Lázaro (Jo 11). Afinal, o espírito de Lázaro já estava há quatro dias no Paraíso, descansando e desfrutando das alegrias reservadas aos justos. Porém, Jesus teria errado ao interromper esse descanso ao ressuscitá-lo. Nosso Senhor não deveria ter deixado o *espírito* de Lázaro *descansando* no Paraíso, em vez de quebrar esse repouso paradisíaco e trazê-lo novamente a este mundo para *sofrer por alguns anos* (Jo 12.9-11)? Portanto, o fato de o descanso de Samuel no Paraíso ter sido suspenso por *alguns minutos* não apresenta problema algum, nem para o próprio Samuel, nem tampouco para Deus.

Saul morreu no dia seguinte à profecia de Samuel (v. 19)

Um argumento muitíssimo apresentado para tentar negar que Samuel apareceu diz que aquele ser espiritual teria errado ao profetizar que Saul morreria no dia seguinte: “*amanhã*, tu e teus filhos estareis comigo” (28.19). E por quê? Porque Saul teria morrido diversos dias após essas palavras. Algumas pessoas, analisando 1Samuel 28–31, realizam cálculos e afirmam que Saul morreu três dias após essa profecia; outros cálculos, porém, chegam a elevar esse número de dias para até dezoito.³⁰ E se aquele ser espiritual errou, então ele não poderia ser Samuel.

Porém, esse argumento é forçado e seletivo demais, pois os incidentes registrados nos capítulos 28–31 de 1Samuel não aconteceram, necessariamente, na seqüência em que estão dispostos. Alguns deles encontram-se sobrepostos,

³⁰ LOPES, Hernandes Dias. *É possível comunicar-se com os mortos?*, Ed. Betânia, 1ª edição, 2003, pgs. 51, 52; *Bíblia Shedd*. Ed. Edições Vida Nova, 1ª edição, 1998, pgs. 431-37.

ou seja, aconteceram simultaneamente, enquanto outros, em dias diferentes. O escritor bíblico não quis ser cronologicamente rigoroso ao registrar os eventos desses quatro capítulos. Essa é uma prática bastante comum nas narrativas bíblicas.

A fim de entender perfeitamente os preparativos para a batalha, e a batalha em si, deve ser notado que a narrativa bíblica não se encontra em ordem cronológica exata, mas passa de evento para evento, a fim de manter um registro das atividades de Saul e Davi... A ordem apropriada dos eventos é: os filisteus se reuniram em Afeque na planície de Sarom, como era seu costume quando faziam suas campanhas para o norte (1Sm 29.1); dali os filisteus avançaram para Suném aos pés da colina de Moré [1Sm 28.4a], enquanto Saul dispunha o seu exército em posição oposta à deles no monte Gilboa [1Sm 28.4b], favorecendo a região montanhosa como mais conveniente para seus guerreiros que portavam armas leves. Ele acampou numa fonte perto de Jezreel [1Sm 29.1b]; foi dali que Saul procurou a médium de En-Dor na escuridão da noite [1Sm 28.7-25]. No dia seguinte ele teve a morte de um herói no monte Gilboa [1Sm 31.1-7], junto com três dos seus filhos.³¹ (as referências bíblicas entre colchetes foram acrescentadas)

Antes de analisar minuciosamente as informações dos capítulos 28–31 de 1Samuel, primeiro seria interessante descrever os acontecimentos registrados nesses capítulos, do jeito que eles se encontram, sem nos preocupar com qualquer ordem cronológica. Assim, acompanhem o panorama geral. No capítulo 28, vemos que, assim que os exércitos dos filisteus e de Israel estavam bem próximos, Saul visitou, à noite, a pitonisa de En-Dor, ouvindo aquela terrível mensagem de Samuel. Após relatar isso, o escritor deixa Saul de lado para, nos dois próximos capítulos, concentrar seu foco narrativo em Davi. No capítulo 29 ele registra o diálogo entre Davi e o rei filisteu Aquis, em que ficou decidido que Davi não poderia participar daquela batalha ao lado dos filisteus. Por isso, ele deveria sair do meio dos filisteus na madrugada do dia seguinte. No capítulo 30 o narrador fala como Davi, três dias após ter saído do meio dos filisteus, chegou à cidade filistéia de Ziclague, encontrando-a destruída e saqueada pelos amalequitas. Em resposta, Davi organizou um contra-ataque e recuperou tudo aquilo que havia sido roubado, repartindo entre o povo os despojos de guerra. E, no capítulo 31, o escritor “finaliza” seu livro voltando a falar de Saul, mostrando como que esse rei veio a morrer na batalha contra os filisteus.

Agora, examinemos detalhadamente as informações de 1Samuel 28–31. Para tanto, propomos abaixo uma seqüência cronológica dos acontecimentos relatados nesses capítulos, de tal modo que todos os dados bíblicos sejam harmonizados coerentemente. Naturalmente, essa seqüência cronológica servirá para determinar se Saul morreu ou não no dia seguinte à previsão feita por aquele ser espiritual.

³¹ AHARONI, Yohanan, et al. *Atlas Bíblico*, Ed. CPAD, 1ª edição, 1999, pg. 75.

Seqüência cronológica dos acontecimentos narrados em 1Samuel 28—31 ³²

Segunda: 1Sm 28.1, 2; 29.1, 2	Terça: 1Sm 28.4-25; 29.3-10	Quarta: 1Sm 29.11; 31.1-7 (1Cr 10.1-7)	Sexta: 1Sm 30
Os filisteus, juntamente com Davi, reuniram suas tropas em “Afeque” (1Sm 28.1, 2; 29.1a), enquanto os israelitas acamparam-se “junto à fonte que está em Jezreel” (29.1b). Foi de Afeque que os filisteus iniciaram sua marcha rumo a “Jezreel”: “os príncipes dos filisteus se foram para lá [para Jezreel]...” (29.2).	Vindo de Afeque, os filisteus e Davi chegaram a “Suném” (1Sm 28.4a), acampando-se bem próximos dos israelitas. Estes estavam no monte “Gilboa” (v. 4b), mais especificamente “junto à fonte que está em Jezreel” (cf. 29.1b). A distância entre os acampamentos desses dois exércitos inimigos era tão pequena, que um contato <i>visual</i> mútuo já era possível (“Vendo Saul o acampamento dos filisteus...”, 28.5).	Assim que Davi saiu do meio dos filisteus, de madrugada, (1Sm 29.11a), estes imediatamente “subiram a Jezreel” (29.11b); ou seja, foram para o <i>mesmo lugar</i> onde os israelitas estavam (cf. 29.1b), dando início à batalha na qual Saul morreu (31.1-7).	Três dias após ter saído do meio dos filisteus (1Sm 30.1a), Davi chegou a Ziclague, encontrando essa cidade arrasada e saqueada pelos amalequitas (vs. 1b-6). Em seguida, vemos a ofensiva liderada por Davi, na qual ele derrotou os amalequitas e tomou de volta tudo que fora roubado (vs. 7-31).
	Em Suném, ocorreu o diálogo entre os príncipes filisteus e o rei Aquis (1Sm 29.3-5), e entre Aquis e Davi (vs. 6-10), em que ficou decidido que este não poderia participar da batalha. Aquis orienta Davi a passar a noite em Suném e, na madrugada do dia seguinte (“amanhã de madrugada”, v. 10), ele deveria partir.		
	Assim que <i>viu</i> os filisteus acampados em Suném (1Sm 28.5), Saul ficou com muito medo e consultou ao SENHOR em busca de ajuda, porém não obteve resposta alguma (v. 6). Por conta disso, ele resolveu visitar, naquele mesmo dia, à noite, a pitonisa de En-Dor (vs. 7-25). Lá, Samuel disse a Saul que ele (Saul) morreria no dia seguinte (“ <i>amanhã</i> , tu e teus filhos estareis comigo”, v. 19), ou seja, na quarta-feira. Após ouvir essa mensagem, Saul retornou ao acampamento israelita “naquela mesma noite” (v. 25).		

Com esse quadro cronológico sempre em mente, deixamos a seguir três considerações. Em primeiro lugar, é completamente arbitrário e bíblicamente insustentável defender que a batalha entre filisteus e israelitas, na qual Saul morreu, começou vários dias após a visita que ele fez à pitonisa de En-Dor.

³² A seqüência de dias da semana utilizada nessa tabela tem um caráter puramente didático, a fim de que a ordem cronológica proposta possa ser melhor compreendida pelos leitores. Dessa maneira, é evidente que a visita de Saul à pitonisa de En-Dor, por exemplo, pode não ter ocorrido, na realidade, numa terça-feira, como mostra a tabela, mas talvez numa quarta, quinta, etc.

Incorrem em erro aqueles que alegam, com base em 1Samuel 30.1, que essa batalha só tenha começado no dia em que Davi chegou a Ziclague, ou seja, três dias após a saída dele do meio dos filisteus. Eis o que este versículo diz: “Sucedeu, pois, que, chegando Davi e seus homens, *ao terceiro dia*, a Ziclague...” Esse texto diz, claramente, que Davi *demorou três dias* para chegar a Ziclague, e não que a batalha entre filisteus e israelitas só tenha começado após esses três dias. É isso o que a expressão “ao terceiro dia” diz objetivamente, de modo que qualquer conclusão diferente dessa pode ser considerada uma conclusão puramente subjetiva e extrabíblica, destituída de qualquer fundamentação textual. Portanto, de forma alguma a expressão “ao terceiro dia” pode ser usada nalgum cálculo para determinar quando começou a batalha na qual Saul morreu.

Em segundo lugar, 1Samuel 29.11 deixa subentendido que, no *mesmo dia* em que Davi saiu do meio dos filisteus, estes foram para o mesmo lugar onde estavam os israelitas: “Então, Davi de madrugada se levantou, ele e os seus homens, para partirem [de Suném] e voltarem à terra dos filisteus [a Ziclague]. Os filisteus, porém, *subiram a Jezreel*”. E onde estavam os israelitas? Em “Jezreel” (29.1b). Ou seja, no mesmo dia em que Davi partiu, os filisteus foram para Jezreel e começaram a batalha na qual Saul pereceu. Cronologicamente falando, portanto, o *início* dessa batalha, registrado em 1Samuel 31.1-7, está diretamente ligado ao dia da saída de Davi do meio dos filisteus, relatado em 1Samuel 29.11. Esses dois trechos falam de dois eventos que ocorreram no *mesmo dia*. Temos aí uma prova de que o escritor bíblico não foi cronologicamente exato em seu relato. Uma seqüência cronológica correta joga os acontecimentos relatados em 1Samuel 30 para *depois* dos acontecimentos registrados em 1Samuel 31.1-7.

Em terceiro lugar, reparem num detalhe que normalmente passa despercebido: na madrugada em que Davi saiu do meio dos filisteus (1Sm 29.11a), ele estava em “Suném” (28.4a), e não em “Afeque” (29.1a). E nem poderia ser diferente, visto que Suném ficava ao lado de Jezreel/Gilboa, o palco onde ocorreu a luta.³³ Ou seja, Davi chegou a Suném e pernoitou nessa cidade,

³³ Qualquer mapa bíblico deixa bem claro que a cidade de “Afeque” (1Sm 29.1a), onde os filisteus juntaram suas tropas e iniciaram sua marcha para irem de encontro aos israelitas, ficava muito mais longe do monte Gilboa do que “Suném” (1Sm 28.4a). Isso explica por que Saul, que reunira suas tropas no monte Gilboa, só conseguiu *ver* os filisteus quando estes chegaram e acamparam-se em “Suném” (1Sm 28.4, 5). Suném ficava ao lado desse monte, ao passo que Afeque, a muitos quilômetros de distância. Esse detalhe é muito relevante, pois demonstra que o narrador bíblico não quis ser cronologicamente exato em seu relato. Uma simples análise do *sentido da marcha* dos filisteus rumo ao monte Gilboa já comprova isso: Afeque (1Sm 29.1a, 2) → Suném (1Sm 28.4a) → Jezreel/Monte Gilboa (1Sm 29.11b). A seqüência dessa marcha deixa claro que o texto de 1Samuel 29.1a, 2 vem *antes* de 1Samuel 28.4a, demonstrando que o escritor não organizou sua narrativa em uma seqüência cronológica exata.

deixando-a só na madrugada do dia seguinte, horas antes de os filisteus irem para Jezreel/Gilboa e deflagrarem o combate no qual Saul pereceu.

Para sintetizar tudo aquilo que foi dito nessas três considerações, acompanhem as perguntas e respostas abaixo, que seguem a seqüência de dias da semana empregada no quadro cronológico apresentado anteriormente.

1. Em que dia da semana os filisteus chegaram a Suném? Resposta: chegaram na *terça-feira*.
2. Davi estava em Suném, junto com os filisteus? Resposta: Sim (1Sm 29.11).
3. Onde os filisteus estavam acampados, quando Saul os viu (28.5)? Resposta: estavam acampados em "Suném" (28.4a).
4. Ao ver os filisteus em Suném, em que dia Saul decidiu visitar a pitonisa de En-Dor? Resposta: Saul visitou a pitonisa na noite do *mesmo dia* em que os filisteus chegaram a Suném (28.5-8), ou seja, visitou-a na *terça-feira*.
5. Após ouvir aquela profecia de Samuel, em que dia Saul retornou ao acampamento israelita, que ficava em Jezreel/Gilboa? Resposta: Saul retornou ao acampamento "naquela mesma noite" (28.25) de *terça-feira*.
6. Para não participar da batalha contra seus irmãos israelitas, em que dia Davi deixou a cidade de Suném, seguindo a recomendação do rei Aquis (29.10)? Resposta: Davi deixou Suném na madrugada da *quarta-feira* (29.11a).
7. Em que dia os filisteus "subiram a Jezreel" (29.11b), para iniciarem a batalha contra os israelitas (31.1-7)? Resposta: os filisteus foram para Jezreel na *quarta-feira*, ou seja, no mesmo dia em que Davi saiu do meio deles.

Ora, essa seqüência de perguntas e respostas leva-nos a duas constatações:

1. Os itens de 1 a 5 falam de eventos que ocorreram num *mesmo dia*: uma *terça-feira*. Ou seja, no mesmo dia em que Davi e os filisteus chegaram a Suném, Saul visitou a pitonisa de En-Dor.
2. Os itens 6 e 7 também falam de eventos que ocorreram num *mesmo dia*: uma *quarta-feira*. Ou seja, no mesmo dia em que Davi saiu do meio dos filisteus, estes deram início à batalha que resultou na morte de Saul.

Portanto, a profecia de Samuel, concernente à morte de Saul, cumpriu-se perfeitamente. Na *terça-feira*, à noite, Samuel disse que Saul morreria no dia seguinte: "*amanhã* [quarta-feira], tu e teus filhos estareis comigo" (1Sm 28.19). E as palavras do falecido profeta não caíram por terra: na *quarta-feira*, instantes após Davi ter saído do meio dos filisteus (29.11a), estes "subiram a Jezreel" (29.11b) e imediatamente iniciaram o combate no qual Saul morreu (31.1-7). O autor do livro de Eclesiástico tinha toda a razão ao declarar que "mesmo depois

de sua morte, ele [Samuel] profetizou, predizendo ao rei [Saul] o seu fim” (Ecl 46.20)!

Somente um manuseio seletivo de 1Samuel 28—31, em que a ordem dos acontecimentos registrados nesses capítulos é *convenientemente manipulada* a fim de apoiar um ponto de vista particular, pode fazer alguém concluir que Saul morreu três, cinco, dez, quinze ou até dezoito dias após as predições de Samuel. A análise aqui apresentada contesta tal interpretação, comprovando que a batalha que resultou no falecimento de Saul ocorreu um dia após a visita que ele fez àquela pitonisa.

Samuel não disse que *todos* os filhos de Saul morreriam (v. 19)

Segundo os que negam que Samuel apareceu, ao ter vaticinado: “amanhã, tu e *teus filhos* estareis comigo”, aquela criatura espiritual teria errado, pois nem todos os filhos de Saul pereceram na batalha contra os filisteus:

Não morreram *todos* os filhos de Saul, como insinuava a tal profecia (1Sm 28.19). Ficaram vivos pelo menos três filhos de Saul: Isbosete (2Sm 2.8-10); Armoni e Mefibosete (2Sm 21.8). Apenas três morreram, como está registrado em 1Samuel 31.6 e 1Crônicas 10.2-6.³⁴ (itálico acrescentado)

Ora, acaso Samuel disse que “*todos*” os filhos de Saul, sem uma única exceção, morreriam? É isso o que está escrito em 1Samuel 28.19? Acaso Samuel usou o pronome indefinido “*todos*”? É claro que não! Portanto, ao dizer “tu e *teus filhos*”, Samuel apenas disse que *mais de um* filho de Saul morreria (como de fato aconteceu), e não que *todos* eles tombariam no campo de batalhas.

Só mesmo uma leitura distorcida de 1Samuel 28.19, guiada por idéias pré-concebidas, pode levar alguém a concluir que a expressão “tu e *teus filhos*” é o mesmo que “tu e *todos* os *teus filhos*”. Indiscutivelmente, há uma diferença gigantesca entre essas duas expressões!

Saul foi, sim, entregue nas mãos dos filisteus (v. 19)!

Outra objeção bastante apresentada para dizer que aquele ser espiritual teria errado é com relação ao fato de Saul ter cometido suicídio (1Sm 31.4, 5; 1Cr 10.4, 5). “Se Saul se matou”, argumentam, “então ele não foi entregue nas mãos dos filisteus, como aquele falso Samuel predisse (1Sm 28.19)”. Para reforçarem esse raciocínio, ainda apontam para o fato de que o corpo de Saul foi parar nas mãos dos moradores da cidade de Jabes-Gileabe, e não nas dos filisteus. Tudo isso provaria, portanto, que o oráculo entregue a Saul teria fracassado.

³⁴ RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. *Desmascarando as Seitas*, Ed. CPAD, 1ª edição, 1996, pg. 207.

Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus (1Sm 28.19), mas se suicidou (1Sm 31.4), vindo parar mais tarde nas mãos dos homens de Jabes-Gileade (1Sm 31.11-13).³⁵

Porém, os dois relatos paralelos da morte de Saul (1Sm 31.1-10; 1Cr 10.1-10) rapidamente desfazem esses dois raciocínios, mostrando que tanto o exército de Israel quanto Saul e seus filhos foram entregues nas mãos dos filisteus. O fato de Saul ter se suicidado de forma alguma indica que ele não foi entregue nas mãos dos filisteus. E por quê? Ora, porque Saul se matou tão logo viu que ele e todo Israel tinham sucumbido diante das forças filistéias. Se Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus, então *por que* ele se suicidou? Que outra razão o teria levado a tomar tal atitude, senão a certeza de que o SENHOR o havia, de fato, entregado nas mãos dos filisteus, como Samuel profetizara um dia antes?³⁶ Se Saul não tivesse sido entregue nas mãos dos filisteus, então ele jamais teria se matado! Os leitores concordam?

Com relação ao fato de o corpo de Saul ter ido parar nas mãos dos moradores de Jabes-Gileade, temos aí mais um argumento precipitado e insustentável. Por quê? Porque a profecia de Samuel dizia que *Saul seria entregue nas mãos dos filisteus*, e não que o *cadáver* dele seria entregue nas mãos dos filisteus. O corpo de Saul foi parar nas mãos dos moradores de Jabes-Gileade; porém, isso só aconteceu porque *antes* Saul já havia sido entregue nas mãos dos filisteus (razão pela qual ele suicidou-se). Ou seja, a profecia de Samuel cumpriu-se à risca! Após Saul ter sido entregue nas mãos dos filisteus, pouco importava se o *cadáver* dele fosse parar nas mãos dos moradores de Jabes-Gileade, dos sírios, dos egípcios, das feras do campo, *etc.* O importante era que a profecia de Samuel já havia se cumprido *antes*.

Saul morreu e foi para o *mesmo lugar* onde Samuel estava (v. 19)? Sim!

Muitos alegam que ao ter declarado: “amanhã, tu e teus filhos *estareis comigo*” (1Sm 28.19), aquele ser espiritual teria errado, pois essas palavras indicam que Saul morreria e iria para o *Paraíso*, o mesmo lugar onde o espírito do justo Samuel estava. “Será que Saul, um homem que morreu sob perdição, foi para o *mesmo lugar* onde se encontrava Samuel, um homem salvo? Após a morte, salvos e perdidos partilham da mesma sorte, indo para o mesmo lugar?”

³⁵ *ibid.*, pg. 207.

³⁶ A expressão “ser entregue nas mãos de” não significa, necessariamente, que Saul haveria de morrer pelas *mãos* de um guerreiro filisteu, vitimado por uma flecha ou golpe de espada, por exemplo. Ela apenas indica que Saul (assim como seus filhos e todo o Israel) seria derrotado pelos filisteus, pois o SENHOR não estaria ao seu lado naquela batalha. Ou seja, Samuel disse, em 1Samuel 28.19, que Deus abandonara Saul. De forma alguma essa expressão indica que a pessoa que fosse entregue nas mãos do inimigo seria, obrigatoriamente, morta por esse inimigo (v. Jz 13.1; 16.23,24; 1Rs 8.46-50; 2Rs 13.1-5; Ed 5.12; Is 19.4; Jr 43.3, *etc.*).

Contudo, esse questionamento falha por ignorar que, até à ascensão de Jesus, os espíritos de salvos e perdidos, após a morte, iam para o *mesmo lugar*: o Sheol (= Hades). Porém, lá eles seguiam para *compartimentos diferentes*: os espíritos dos crentes iam para o Paraíso, onde eram consolados (Lc 16.22a, 25; 23.43; At 2.27, 31, *etc.*), ao passo que os dos incrédulos eram lançados num lugar de angústia e castigos (Sl 9.17; Lc 16.23-28, *etc.*).

Munidos dessas informações, agora fica fácil entender a expressão “estareis comigo” de 1Samuel 28.19. Aqui, Samuel estava dizendo que Saul morreria e iria para o *mesmo lugar* (o Sheol) onde ele (Samuel) estava. Porém, Samuel *não mencionou* nem o nome desse lugar para onde Saul iria após a morte, nem se esse lugar era dividido em compartimentos para salvos e perdidos.³⁷ Sabemos desses detalhes acerca do destino de salvos e perdidos após a morte por meio de outros textos bíblicos (sobretudo do NT), e não por meio dessas poucas e curtas palavras de Samuel.

Portanto, se Saul morreu sob perdição, então é evidente que o espírito dele não foi para o *compartimento* dos salvos, o Paraíso, a parte aprazível do Sheol na qual estava Samuel. Porém, de certa forma o espírito de Saul certamente foi para o mesmo lugar onde Samuel estava, o Sheol, pois era para esse lugar que *todos* os mortos, salvos e perdidos, iam após deixarem esta vida. Como vimos, Samuel só não mencionou o nome do lugar para onde o espírito de Saul iria, nem se tal lugar possuía câmaras para justos e injustos.

Um demônio não traria uma mensagem negativa a Saul (vs. 16-20)

Se foi mesmo um demônio que apareceu em En-Dor, então ele não deveria ter trazido uma mensagem confortadora a Saul? Esse suposto espírito maligno não deveria ter consolado esse rei, dizendo que ele venceria os filisteus, ou que ele estava no caminho certo, que agradava a Deus? O fato de aquela criatura ter trazido palavras tão terríveis a Saul não reforça, ainda mais, a posição de que foi “Samuel” quem apareceu, ao mesmo tempo que enfraquece a idéia de que foi um “demônio”?

Vejam como o teor das palavras proferidas por aquele ser espiritual são totalmente incompatíveis com a tese de que um “demônio” apareceu, mas perfeitamente compatíveis com a idéia de que “Samuel” surgiu.

³⁷ Ao contrário de Samuel, Jesus *mencionou* o nome do *compartimento* do Hades (= Sheol) para onde o ladrão arrependido da cruz iria após a morte: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo *no paraíso*” (Lc 23.43). Aqui, fica claro que o espírito daquele ladrão ingressaria na porção bem-aventurada do Hades, o “paraíso” dos salvos, o mesmo compartimento onde o espírito de Jesus ficou durante três dias. Porém, Samuel não disse a Saul: “amanhã, tu e teus filhos estareis comigo *no paraíso*”. Se tivesse dito isso, então aí sim poderíamos dizer que ele havia errado, pois teria dito que Saul morreria e seguiria para o compartimento dos salvos, o Paraíso.

1. Saul estava incomodando Samuel (v. 15). Um demônio, passando-se pelo espírito de um morto, demonstraria irritação ao conversar com um consulente? Será que um filho, ao conversar com o suposto espírito de sua mãe querida que faleceu, ouviria algo do tipo: “Meu filho, por que você está me incomodando aqui nesta sessão espírita, fazendo-me sair de onde eu estava?” Se esse espírito dissesse isso, certamente desestimularia esse filho (ou qualquer outra pessoa) a buscar auxílio no espiritismo. Logo, isso sugere que tais palavras não procederam de um demônio, mas de Samuel.
2. Saul não deveria ter buscado auxílio em Samuel (v. 16). Será que um demônio, fingindo ser o espírito de um falecido, censuraria uma pessoa que lhe estivesse consultando, buscando ajuda? É evidente que não. Um demônio diria justamente o oposto: “Olá, fulano! Como é bom encontrá-lo aqui nesta reunião espírita! Em que posso ajudá-lo?” Sem dúvida, tal tratamento faria qualquer pessoa sentir-se mais amada, feliz e motivada a voltar outras vezes para comunicar-se com esse mesmo espírito.
3. Saul errou por não ter ouvido a voz do SENHOR (v. 18). Acaso um demônio repreende uma pessoa desobediente a Deus? Será que um anjo caído quer que as pessoas vivam em obediência ao SENHOR? Absolutamente! Um autêntico profeta como Samuel, contudo, seguramente censuraria uma pessoa que estivesse vivendo em rebeldia contra Deus.
4. A mensagem que aquele ser trouxe a Saul foi tão terrível e funesta, que “caiu Saul estendido por terra e foi tomado de grande medo por causa das palavras de Samuel; e faltavam-lhe as forças” (v. 20). Sinceramente, será que um demônio traria um recado tão macabro como esse para um consulente? Imaginem qual seria a reação de uma pessoa que ouvisse uma mensagem como essa, vinda do suposto espírito de um ente querido que faleceu?! Será que essa pessoa ainda teria coragem de voltar mais vezes para conversar com esse mesmo espírito? Será que ela aconselharia outras pessoas em dificuldades a também buscarem auxílio nos espíritos? Particularmente, o autor deste livro nunca mais participaria de uma sessão de necromancia.

Se foi mesmo um demônio que se manifestou naquela casa, então ele deveria ter trazido uma mensagem animadora, confortadora a Saul, pois esse rei recorreu à necromancia justamente para ser ajudado. Esse suposto demônio, sabendo desse desejo de Saul, deveria tê-lo ajudado, proferindo somente palavras de consolo e vitória. Ele deveria ter dito somente aquilo que Saul *queria ouvir*. Entretanto, nada disso aconteceu. Do começo ao fim, as palavras daquele ser espiritual são uma mescla de forte censura e morte inevitável. O teor dessa mensagem é cem por cento coerente com aquilo que o profeta Samuel diria a Saul. Afinal, Deus jamais enviaria Samuel para que ele entregasse uma

mensagem positiva, vitoriosa, encorajadora a um rei como Saul. No entanto, tais palavras são completamente inconsistentes com as que um demônio diria a esse rei.

Além disso, sustentar que foi um demônio que falou com Saul leva-nos à estranha conclusão de que os demônios não querem que as pessoas se envolvam com as práticas espíritas. Afinal, quem, após ouvir uma mensagem como aquela que Saul ouviu, voltaria novamente para consultar os mortos?

Por fim, se um demônio apareceu e enganou Saul ao passar-se por Samuel, então por que esse ser maligno já não fez um “serviço completo” e tratou esse rei com alegria e presteza, falando-lhe mentiras e demonstrando o firme propósito de ajudá-lo? Que *sentido* haveria em esse demônio fingir ser Samuel, mas em seguida tratar Saul com extrema irritação, dizendo-lhe a mais pura e dura verdade? (Afinal, vimos que aquele ser em momento algum mentiu para Saul; suas palavras não contêm qualquer inconsistência ou erro; e sua profecia sobre a sorte final de Saul, seus filhos e Israel cumpriu-se perfeitamente.) Portanto, acreditar que um demônio apareceu, fingiu ser Samuel e enganou Saul fica sem sentido quando analisamos o conteúdo da mensagem que aquele ser espiritual entregou a esse monarca. Entretanto, essa mensagem encaixa-se como uma luva no ponto de vista segundo o qual Samuel realmente apareceu e disse somente a verdade a Saul!

Podemos resumir este tópico dizendo que, se fizermos uma análise com base na *proporcionalidade*, veremos que a *identidade* daquele ser que apareceu pode ser determinada pelo *tom da mensagem* que ele trouxe a Saul. Ou seja, quanto mais desencorajadora, macabra e negativa fosse a mensagem que Saul recebesse, maior a certeza de que aquele ser espiritual era Samuel. Porém, quanto mais encorajadora, abençoadora e positiva fosse a mensagem que Saul ouvisse, maior a certeza de que aquele ser era um demônio. Portanto, só podemos concluir que as duríssimas palavras que Saul ouviu vieram do falecido profeta Samuel, e não de um anjo mau!

Ao final desta análise do texto de 1Samuel 28, constatamos a existência de uma perfeita harmonia entre o trecho que faz a *identificação* daquele ser espiritual (1Sm 28.12-14) e o trecho que traz as *palavras* pronunciadas por ele (1Sm 28.15-20). As declarações do narrador inspirado na terceira pessoa: “Vendo a mulher a Samuel” (v. 12) e “Samuel disse...” (vs. 15, 16, 20), são a prova irrefutável de que aquela pitonisa viu o falecido Samuel, e de que foi esse profeta quem conversou com Saul. Negar isso, além de trazer sérios problemas à interpretação bíblica, inescapavelmente força-nos a negar a inspiração divina da Bíblia. Esse é o altíssimo preço a ser pago caso neguemos aquilo que o texto de 1Samuel 28 diz tão clara e repetidamente.

Portanto, quando defendemos que foi o falecido Samuel quem falou com Saul, na realidade estamos salvaguardando a *total* inspiração divina das

Escrituras. Em nosso entendimento, é impossível negar que Samuel apareceu e falou com Saul sem destruir a inspiração divina da Bíblia.

OUTRAS OBJEÇÕES À APARIÇÃO DE SAMUEL

A necromante não teria poder para retirar Samuel do Sheol

“Se Samuel de fato apareceu, então teríamos que admitir que os vivos têm poder para trazer os espíritos de salvos e perdidos para esta dimensão. Como isso não é possível, então foi um demônio que apareceu”.

Diante do ponto de vista defendido neste livro, essa objeção perde totalmente sua razão de ser, uma vez que acreditamos que foi *Deus* quem trouxe Samuel de volta, e não a necromante.

Porém, convém fazermos mais algumas observações acerca desse argumento apresentado. Como já vimos, os espíritos daqueles que já partiram só podem sair de onde atualmente estão por intermédio da ressurreição. Esse é o padrão determinado por Deus para reger o Sheol. Também notamos que somente Deus pode *quebrar* esse padrão. Diante disso, nossa crença de que foi Deus, e não a mulher, quem trouxe Samuel possui base bíblica.

No entanto, será que essa forma de pensar encontra amparo no texto de 1Samuel 28? Sim. Em primeiro lugar, pela *reação* que a necromante teve ao ver Samuel, tanto de terror quanto de ignorância no que diz respeito à identidade dele, inferimos que foi a primeira vez que ela havia visto um espírito de morto, real, diante de si. Se ela já estivesse acostumada a esse tipo de visão, então essa reação seria estranha.

Em segundo lugar, não está escrito em lugar algum de 1Samuel 28 que aquela mulher realizou algum *ritual* ou *prece* para trazer Samuel do além. Ao contrário, os versículos 11 e 12 mostram que Samuel apareceu *subitamente*, o que explica o susto que ela tomou ao vê-lo.³⁸ Pelas informações do texto, assim que Saul disse à mulher: “Faze-me subir Samuel” (v. 11), imediata e repentinamente Samuel surgiu (v. 12). Ou seja, o aparecimento de Samuel foi algo completamente espetacular, inesperado e fora do controle daquela pitonisa. Embora 1Samuel 28 não diga que foi Deus, nem a necromante, nem um demônio quem trouxe Samuel, nem que foi esse profeta, por conta própria,

³⁸ Existem três explicações para o susto que a pitonisa tomou: 1ª) ela se assustou porque viu Samuel; 2ª) a mulher se assustou porque descobriu que era Saul, o caçador de necromantes, quem estava diante dela; 3ª) ela se assustou pelas duas razões anteriormente mencionadas. Dentre essas três explicações, privilegiamos a primeira, pois o verbo “gritar” (“Vendo a mulher a Samuel, gritou em alta voz...”, v. 12a) relaciona-se ao momento em que a mulher viu Samuel, ao passo que o verbo “dizer” (“...e a mulher disse a Saul...”, v. 12b), ao momento em que ela dirigiu-se a Saul. Ou seja, a mulher gritou de susto quando viu Samuel; porém, dificilmente ela teria gritado *com Saul* ao dizer-lhe que sua identidade havia sido descoberta.

quem decidiu sair do Sheol e vir falar com Saul, por outros textos da Bíblia sabemos que somente Deus teria poder para trazer Samuel do além. Logo, só podemos concluir que foi Ele quem retirou esse profeta do Sheol, e não a mulher ou outra criatura.³⁹

Apesar de ter se prontificado a evocar o espírito de Samuel (“Quem te farei subir?”, v. 11), esses detalhes colhidos no texto demonstram que aquela pitonisa não teve nada a ver com a aparição do profeta. E nem poderia ser diferente, uma vez que nenhuma criatura tem poder para *quebrar o padrão* instaurado por Deus. Diante disso, não entendemos a aparição de Samuel como uma “permissão” de Deus a alguma evocação que aquela necromante tivesse feito, pois ela não fez absolutamente nada. Samuel não voltou do além *por meio da* necromancia, tampouco Deus falou com Saul *por meio da* necromancia, como algumas pessoas argumentam. Samuel só apareceu por um ato soberano do Todo-Poderoso que, aproveitando-se das circunstâncias criadas pelo próprio Saul, trouxe esse profeta para entregar-lhe aquela dolorosa e derradeira mensagem. A pitonisa não teve qualquer participação na aparição de Samuel.

Se Samuel apareceu, então ele se rebelou contra Deus ao obedecer à necromante

O próprio Samuel dissera que o pecado da rebelião é como a feitiçaria (1Sm 15.23). Ele se rebelaria contra Deus, tornando-se um feiticeiro depois de morto? Serviria ele aos propósitos heréticos e nefandos de uma necromante, aparecendo em uma sessão espírita para falar a um rei rebelde a quem Deus já rejeitara?⁴⁰

Todavia, para que essa objeção seja válida, devemos partir, obrigatoriamente, do princípio de que os espíritos dos mortos podem sair do Sheol por livre e espontânea vontade, quando bem quiserem. Nessa condição, Samuel poderia ter se rebelado contra Deus e saído do além para vir conversar com Saul, submetendo-se à pitonisa. Será que aqueles que negam que Samuel apareceu acreditam que os espíritos dos mortos têm essa liberdade? É evidente que não. Como vimos, esses espíritos só podem sair de onde estão por meio da ressurreição.

Além disso, já demonstramos que nenhuma criatura tem poder para retirar um espírito do Sheol. Só Deus pode fazer isso, o que anula completamente a

³⁹ Embora Samuel tenha dito a Saul: “Por que me inquietaste, *fazendo-me subir?*” (1Sm 28.15), isso não indica, necessariamente, que foi Saul, por seu próprio poder, quem retirou Samuel do Sheol. Aqui nessa frase, Samuel apenas disse que subiu porque quis conversar com ele. Se Saul não tivesse ido consultar aquela necromante, para tentar se comunicar com Samuel, *Deus* não teria feito esse profeta subir do Sheol.

⁴⁰ LOPES, Hernandes Dias. *É possível comunicar-se com os mortos?*, Ed. Betânia, 1ª edição, 2003, pg. 44.

possibilidade de aquela necromante de En-Dor ter sido a responsável pela aparição de Samuel.

Por fim, se foi *Deus* quem retirou Samuel do Sheol, então não há sentido algum em dizer que Samuel, ao ter aparecido e conversado com Saul, tornou-se “um feiticeiro depois de morto. Samuel apareceu a Saul, não porque ele usou seu livre arbítrio para desobedecer a Deus e atender aos “propósitos heréticos e nefandos” daquela necromante; tampouco porque a necromante tivesse poder para retirá-lo, à força, do Sheol, contrariando a vontade do próprio Samuel e a de Deus. Samuel só apareceu em En-Dor porque o próprio Deus, soberana e milagrosamente, trouxe-o de volta ao mundo dos vivos.

Samuel morreu sem *nunca mais* ter visto Saul. Logo, como poderia ele ter visto Saul depois de morto?

Após Saul ter desobedecido a Deus, é dito que “*nunca mais* viu Samuel a Saul até ao dia da sua morte” (1Sm 15.35). A partir dessa declaração, algumas pessoas perguntam: “Como Samuel, *depois de morto*, poderia ter visto Saul novamente? Portanto, não foi o espírito desse profeta que apareceu, mas um demônio”.

Ora, acaso está escrito em 1Samuel 15.35: “*nunca mais* viu Samuel a Saul até *depois* da sua morte”? É claro que não! Esse texto apenas diz que Samuel, após ficar desapontado com as atitudes de Saul, nunca mais voltou a vê-lo enquanto viveu. Porém, nada é dito se Samuel, *depois* de morto, poderia ou não voltar a ver Saul. 1Samuel 15.35 não pode ser usado para provar que Samuel apareceu em En-Dor, nem que ele não apareceu. Esse versículo não tem absolutamente nada a ver com a aparição relatada em 1Samuel 28, a ponto de apoiar ou refutar a idéia de que Samuel apareceu.

A necromante incorporou aquele espírito. Portanto, um demônio apareceu

Às vezes é argumentado que as pessoas concluem erroneamente que Samuel apareceu porque elas desconhecem um *detalhe essencial* à compreensão de 1Samuel 28: o fato de que os médiuns *incorporam* os espíritos que se manifestam nas reuniões espíritas. Segundo esse argumento, a necromante de En-Dor teria incorporado aquele espírito que apareceu, assim como acontece nas sessões espíritas realizadas mundo afora. E, após ter *entrado* na mulher, aquele espírito teria falado com Saul *por meio* dela, o que provaria que ele não era Samuel, mas um demônio, visto que o espírito de um morto jamais poderia possuir o corpo de uma pessoa viva. Se as pessoas soubessem desse detalhe, jamais acreditariam que Samuel aparecera em En-Dor. Esse argumento, portanto, interpreta 1Samuel 28 *à luz* daquilo que ocorre no espiritismo, tomando por empréstimo dessa “religião” não-cristã o detalhe da incorporação.

Antes de responder a essa objeção, de forma alguma podemos deixar de fazer alguns rápidos comentários sobre as implicações oriundas dessa maneira de interpretar 1Samuel 28. Ora, ver um espírita interpretando esse texto à luz daquilo que acontece nas sessões espíritas é algo totalmente normal, não nos causando espanto algum. Porém, a surpresa surge quando vemos um *cristão*, que diz acreditar na inspiração divina da Bíblia, fazendo isso. Nós explicamos. Embora o texto de 1Samuel 28 sequer insinue que a pitonisa de En-Dor tenha incorporado aquele espírito, esse argumento apresentado acima diz que isso teria, de fato, acontecido. E por quê? Porque os médiuns espíritas ao redor do mundo incorporam os espíritos que se manifestam em suas sessões. Assim, para que possamos saber o que *realmente* aconteceu em En-Dor, temos que conhecer como funciona uma sessão espírita. De posse desse conhecimento, aí então o detalhe extrabíblico da incorporação pode ser tranqüilamente importado do espiritismo para nossa interpretação desse relato bíblico, “solucionando” toda a discussão. Uma correta compreensão de 1Samuel 28 não pode ser encontrada naquilo que a *própria Bíblia diz*, mas somente nessa informação *extrabíblica* proveniente do espiritismo. Sem essa informação, jamais entenderemos o que de fato aconteceu em En-Dor. Os leitores já pararam para pensar nas conseqüências dessa forma de interpretar as Escrituras?

Se esse método de interpretar 1Samuel 28 for correto, logo surgirão cristãos dizendo que a “verdadeira” compreensão de um texto bíblico encontra-se não naquilo que a própria Bíblia diz, mas naquilo que acontece em meio ao hinduísmo, islamismo, satanismo, espiritismo, nova era, *etc.* Afinal, o que está escrito na Bíblia não é suficiente para compreendermos esse texto. Imaginem um cristão, querendo finalmente compreender 1Pedro 3.18-20, recorrendo a um guru indiano ou babalorixá, pedindo a um destes que lhe forneça o “detalhe extrabíblico essencial” para a compreensão desse tão controverso trecho bíblico?!

Esse método de interpretar 1Samuel 28, no qual a pessoa recorre àquilo que acontece numa sessão espírita para explicar esse texto, é inaceitável. Tal atitude já revela uma tentativa desesperada e desastrada de negar que Samuel apareceu. Por causa de suas conseqüências altamente prejudiciais à interpretação bíblica, esse método deve ser radicalmente rejeitado. Pretendendo combater uma idéia que equivocadamente julgam espírita (a idéia de que Samuel apareceu), as pessoas, incoerentemente, acabam recorrendo *justamente ao espiritismo* para tentar provar que um demônio apareceu em En-Dor. Por que não usam *somente* a Bíblia para provar que um demônio apareceu e conversou com Saul? Resposta bem simples: porque as Escrituras não ensinam, em lugar algum, que um demônio apareceu em En-Dor, tampouco que um demônio apossou-se do corpo daquela pitonisa.

Após esses comentários, analisemos a objeção apresentada neste tópico. Ora, é bem verdade que os demônios que se manifestam nas sessões espíritas muitas vezes apossam-se dos médiuns, usando seus corpos como veículos de

comunicação com os consulentes. Porém, de forma alguma foi isso o que aconteceu em En-Dor. Onde está escrito em 1Samuel 28 que aquele ser espiritual “possuiu” ou “entrou” naquela necromante? Logo, como defender que houve alguma incorporação?

Por fim, o simples fato de a necromante ter descrito o ser que estava vendo (1Sm 28.12-14) constitui-se numa prova incontestável de que não houve incorporação alguma. Como que a mulher poderia *descrever* a aparência de um ser que estivesse *dentro* de si, incorporado? Como conseguiria *ver* e, em seguida, descrever um espírito que estivesse em seu *interior*? Impossível! Se tivesse acontecido alguma incorporação, a mulher não teria dito que estava *vendo* aquele ser, mas que estava *sentindo* estar possuída por alguma entidade espiritual. O argumento da incorporação, portanto, é totalmente sem nexos e bíblicamente insustentável. Ele só faz sentido para quem acha normal e legítimo interpretar as Sagradas Escrituras à luz de conceitos extrabíblicos importados de grupos não-cristãos, como o espiritismo, por exemplo.

Tudo aquilo que aconteceu em En-Dor foi uma fraude

Dentro do debate em torno de 1Samuel 28, há três pontos de vista sobre quem teria aparecido em En-Dor. O primeiro, adotado neste livro, postula que foi mesmo o falecido Samuel quem apareceu; o segundo, que foi um demônio; e, agora, temos um terceiro ponto de vista, advogado por uma parcela bem pequena de pessoas, que entende que tudo aquilo que aconteceu naquela casa não passou de uma grande fraude patrocinada pela necromante. Na realidade, ela não teria visto ser espiritual algum, mas teria *fingido* ver um espírito. Argumenta-se que a necromante sabia, desde o começo, que era o rei Saul quem estava diante dela, disfarçado (1Sm 28.8). E, ao perceber o desespero, fragilidade e credulidade desse monarca, ela teria simulado estar vendo um espírito, imitado a voz do conhecido profeta Samuel e enganado Saul. Enfim, a pitonisa de En-Dor teria feito o mesmo que alguns médiuns espíritas charlatães fazem para enganarem seus consulentes.

Vejamos cinco razões que desfazem, por completo, a tese da fraude. Em primeiro lugar, *onde está escrito* em 1Samuel 28 que a necromante sabia, desde o início, que era Saul quem estava disfarçado perante ela, ou que ela não viu ser espiritual algum, ou que ela teria enganado Saul? Em lugar algum. *Quem diz* que essas coisas aconteceram são os proponentes da idéia da fraude, não a Bíblia. Contrariando todas essas alegações arbitrárias e extrabíblicas, o texto sagrado diz claramente que a mulher *viu* Samuel (v. 12), e que foi *Samuel* quem conversou com Saul (vs. 15, 16, 20). Também diz que a mulher só descobriu a identidade de Saul *após* Samuel ter aparecido (v. 12), e não antes disso. Portanto, só essas observações estritamente textuais já seriam mais que suficientes para derrubar, de vez, a idéia da fraude.

Em segundo lugar, a teoria da fraude interpreta esse incidente bíblico à luz daquilo que acontece nas reuniões espíritas, o que é um método interpretativo inaceitável, como vimos no tópico precedente. Se há médiuns espíritas embusteiros que *fingem* ver espíritos e, assim, enganam aqueles que os procuram, então a pitonisa de En-Dor teria feito o mesmo com Saul. Contudo, não poderíamos usar esse mesmo raciocínio e dizer que a médium de En-Dor *realmente* viu um espírito (Samuel ou um demônio), já que existem médiuns espíritas que *realmente* vêem espíritos (demônios)? Só por aí já percebemos que a tese da fraude é inadequada, fruto de um raciocínio extrabíblico e autodestrutivo.

Em terceiro lugar, *mesmo sabendo* que Saul queria falar com “Samuel” (1Sm 28.11), ainda sim a mulher disse a esse rei que *não sabia* quem era o ser que estava vendo (vs. 13, 14). Ora, se aquela mulher quisesse enganar Saul, então ela, ao ser perguntada sobre o que via, certamente teria respondido a Saul: “Vejo *Samuel* ”. Se a pitonisa não viu nada, mas quis enganar Saul, então por que ela disse que não sabia quem era o ser que *fingia* estar vendo? Que sentido teria em a mulher *enganar* Saul ao dizer-lhe que desconhecia a identidade daquela criatura que ela não estava vendo? Aquela necromante só poderia ter enganado Saul se ela tivesse dito que estava vendo “Samuel”. Como ela não disse isso, então temos uma prova cabal de que em momento algum ela mentiu para Saul. Suas palavras, ao descrever aquilo que via, são dignas de nossa total confiança.⁴¹

Em quarto lugar, se a necromante já sabia, desde o princípio, que era Saul quem estava disfarçado, então por que ela disse: “Por que me enganaste? Pois tu mesmo é Saul” (v. 12)? Se a mulher já sabia do disfarce, então ela jamais teria dito a Saul que a identidade dele havia sido descoberta. Ao contrário, certamente *continuaria fingindo* não saber que era Saul quem estava fazendo uso de seus serviços.

Em quinto lugar, a idéia da fraude vai contra a inspiração divina da Bíblia, pois as declarações que o narrador inspirado fez, na terceira pessoa, seriam mentirosas. Ou seja, ele escreveu que a mulher *viu Samuel* e que *Samuel disse* coisas a Saul. Porém, a mulher não teria visto ninguém, nem Samuel teria dito coisas a Saul. Tais afirmações não estariam expressando aquilo que realmente aconteceu, o que destruiria a inspiração divina das Escrituras.

Por tudo que foi exposto, concluímos que a teoria da fraude não tem a menor base bíblica, o que explica seu ínfimo número de expositores na história da Igreja.

Satanás transforma-se em anjo de luz para enganar as pessoas

⁴¹ Isso refuta completamente a alegação de alguns de que não podemos acreditar nas palavras que a pitonisa proferiu. Como em momento algum ela disse que estava vendo “Samuel”, então só podemos concluir que ela falou a mais pura verdade para Saul.

Em qualquer discussão sobre 1Samuel 28, é praticamente impossível que este versículo não seja mencionado: “E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz” (2Co 11.14). Esse texto é apresentado para dizer que um demônio apareceu em En-Dor, passou-se por Samuel e enganou Saul.

Ora, que o Diabo se transforma em anjo luz, para assim ludibriar as pessoas, é a mais pura verdade. Esse texto expressa uma verdade espiritual incontestável. Porém, de forma alguma essa verdade aplica-se ao incidente de En-Dor. Onde está escrito em 1Samuel 28 que “Satanás” (ou um “demônio”) apareceu, fingiu ser Samuel e enganou Saul? Logo, o texto de 2Coríntios 11.14 não tem absolutamente nada a ver com o relato de 1Samuel 28, a ponto de contradizer a verdade de que Samuel apareceu.

O fato de aquele espírito ter falado a verdade a Saul não indica que ele era Samuel

É argumentado que os demônios às vezes falam a verdade às pessoas, com o intuito de fazê-las pensar que eles são espíritos bons, vindos de Deus. Citam como exemplo disso aquela jovem da cidade de Filipos que, possuída por um espírito adivinhador, seguiu Paulo e seus companheiros por diversos dias, clamando: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação” (At 16.17). “Ora, aquele espírito que agia naquela jovem de Filipos falou a verdade. Porém, ele era um demônio vindo das trevas. Igualmente, embora aquele ser espiritual tenha falado a verdade a Saul, isso não prova que ele era o falecido Samuel”.

Esse argumento é fragilíssimo. E por quê? Porque Lucas, o narrador inspirado do livro de Atos, disse, na primeira pessoa do plural, que aquela jovem de Filipos estava “possessa” por um “espírito adivinhador” (At 16.16), o qual foi *expulso* por Paulo (v. 18). Ou seja, o texto é claríssimo em informar que um *demônio* operava naquela jovem. Entretanto, não foi isso o que aconteceu em En-Dor. Onde está escrito em 1Samuel 28 que um “demônio” possuiu aquela necromante e, em seguida, falou a verdade a Saul? O que esse texto diz, clara e repetidamente, é que “Samuel” foi visto pela mulher (v. 12), e que foi “Samuel” quem conversou com Saul (vs. 15, 16, 20).

Lucas 16.19-31 diz que os mortos não podem vir “para cá”

Já é milenar o uso do relato do rico e de Lázaro (Lc 16.19-31) para tentar negar a aparição de Samuel: “E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que *os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós*” (v. 26). E é nesse versículo específico que alguns cristãos acreditam ter encontrado a base para apoiar a tese de que não foi Samuel quem apareceu. Segundo eles, ao ter dito essas palavras ao rico que estava sob agruras no lado desventurado do Hades (= Sheol), Abraão estava

dizendo que os espíritos dos mortos não podem passar “para cá”, para o mundo dos vivos. Logo, isso seria uma prova de que não foi o espírito do falecido Samuel que apareceu em En-Dor, mas um espírito maligno.

Reconhecemos que é verdade que o trecho de Lucas 16.19-31, dentre outras lições, ensina que os espíritos dos mortos não podem entrar em contato com os vivos. Contudo, de forma alguma essa lição pode ser extraída do versículo 26, mas dos versículos 30 e 31. Acompanhem os comentários abaixo.

Em primeiro lugar, o texto de Lucas 16.26, que serve de fundamento para a alegação de que o espírito de Samuel não poderia ter saído do Hades e vindo “para cá”, está sendo equivocadamente interpretado. E por quê? Porque esse versículo apenas diz que o espírito de um perdido, que está no *lado ruim* do Hades, não pode passar para o *lado bom* do Hades, onde estão os salvos (e vice-versa). Ou seja, Lucas 16.26 tão-somente fala da impossibilidade de mudança de lados *dentro do próprio Hades*, e não que um espírito não pode sair do Hades e vir “para cá”, para a dimensão terrestre.

Em segundo lugar, é apenas em Lucas 16.30, 31 que temos o ensinamento, por inferência, de que um espírito só pode sair do Hades por meio da ressurreição. Esse é o *padrão*, instaurado por Deus, que rege o Hades. Ainda que um espírito queira sair do Hades, assim mesmo ele não poderá sair; e mesmo que um vivo evoque tal espírito, ele não conseguirá trazê-lo para esta dimensão. Somente Deus pode retirar o espírito de um morto do Hades e colocá-lo em contato com o mundo dos vivos, como Ele fez em En-Dor e no Monte da Transfiguração.

Dito isso, Lucas 16.26 não tem força alguma para negar que Samuel tenha aparecido em En-Dor, pois em lugar algum desse versículo (ou de qualquer outro texto da Bíblia) é dito que *Deus* não pode retirar um espírito do Hades e trazê-lo para o mundo dos vivos. O que Deus não faz, segundo Lucas 16.26, é retirar um espírito do lado ruim do Hades e enviá-lo para o lado bom do Hades.

Se Samuel falou a Saul, então surge uma nova forma de revelação divina, mediante a consulta aos mortos

Caso seja admitido que Samuel falou com Saul, então teríamos que reconhecer uma nova forma de revelação divina: a consulta aos mortos. Dessa maneira, quando uma pessoa quisesse conhecer a vontade de Deus, ela poderia deixar a Bíblia de lado e recorrer a um médium. Em seguida, Deus enviaria Sua mensagem a essa pessoa por meio do espírito de um salvo.

No entanto, essa objeção não se sustenta, por duas razões. Em primeiro lugar, a Bíblia não nos autoriza a buscar ajuda nos mortos. Muito pelo contrário, Deus proíbe repetida e veementemente qualquer tipo de tentativa de contato com o além (Lv 19.31; 20.6, 7; Dt 18.9-14; 1Cr 10.13, 14; Is 8.19, 20, *etc.*). Logo, o fato de Deus ter trazido Samuel para falar com Saul não cria uma nova forma

de saber a vontade de Deus para nossas vidas, tampouco indica que a comunicação entre vivos e mortos seja possível. O crente que recorrer aos mortos, na esperança de poder contatá-los, estará cometendo um pecado gravíssimo contra o SENHOR.

Em segundo lugar, assim como o fato de Deus ter trazido o falecido Moisés para falar com Jesus no Monte da Transfiguração não cria uma nova forma de revelação divina, o mesmo pode ser dito sobre a aparição de Samuel em En-Dor. Do mesmo modo que o incidente do Monte da Transfiguração não serve para estabelecer uma doutrina (a doutrina de que podemos orar a Deus e, em seguida, esperar que Ele nos envie o espírito de uma pessoa morta para conversar conosco), o mesmo pode ser dito do incidente de En-Dor. Se o contato entre o falecido Samuel e Saul obrigatoriamente cria uma nova forma de revelação da vontade de Deus, então temos que dizer o mesmo acerca daquilo que ocorreu no Monte da Transfiguração.

Portanto, a objeção apresentada neste tópico não tem fundamento algum. Seu erro está no fato de tomar um texto narrativo (1Sm 28) e, em seguida, querer transformá-lo em doutrina. Contudo, passagens narrativas apenas falam daquilo que *aconteceu*, e não daquilo que *deve* acontecer. Esse é um princípio rudimentar da hermenêutica bíblica.

Deus jamais enviaria um homem santo como Samuel a um ambiente pagão

Há irmãos que dizem que Deus jamais enviaria Samuel a um ambiente pagão, consagrado às práticas espíritas, como o da casa daquela pitonisa de En-Dor. Aquele recinto estava sob influências demoníacas, abrigava uma mulher abominável e, naquela noite em particular, ainda recebia a visita de três homens reprovados pelo SENHOR: Saul e seus dois servos. “O ambiente da residência da pitonisa de En-Dor era maldito, perfeito para a manifestação de demônios. Aliás, aquela casa já pertencia a esses seres espirituais da maldade, servindo-lhes de morada. Era ali que eles reinavam sobre as pessoas que recorriam àquela necromante, escravizando-as por meio do engano e da mentira. Deus jamais enviaria um homem santo como Samuel a um lugar como aquele! O Diabo, porém, certamente faria com que um de seus agentes aparecesse e enganasse Saul”.

Entretanto, essa forma de pensar é insustentável, pois dá a entender que a residência daquela necromante era envolvida por uma espécie de “blindagem maligna”, que impedia o agir de Deus em seu interior. Assim, mesmo que Deus quisesse enviar Samuel àquela casa para censurar Saul, Ele não poderia fazer isso. O Deus todo-poderoso, onisciente e onipresente poderia agir em qualquer lugar do Universo que Ele mesmo criou, quer fosse nas esferas visíveis ou invisíveis, exceto no lar daquela pitonisa de En-Dor, pois esse lugar estaria fechado, guardado pelas forças espirituais do mal.

Sem dúvida, essa forma de pensar revela uma visão bastante míope e equivocada sobre *quem é e o que faz* o Deus das Escrituras. Ora, porventura um ambiente pagão poderia impedir o agir do SENHOR em seu interior? Se o SENHOR quisesse agir dentro daquela casa, acaso os demônios poderiam barrá-Lo? Os demônios são mais poderosos que Ele? De forma alguma! Que tal analisarmos essa questão por outro ângulo? Será que o SENHOR, ao enviar Samuel *justamente* à casa daquela necromante, não estava com isso manifestando Sua glória, poder e domínio sobre todo o Universo? Não estava Ele mostrando Sua soberania a demônios, necromantes e pessoas como Saul, rebeldes à Sua palavra? Ao enviar Samuel àquela casa, será que o nome do SENHOR não foi exaltado, ao mesmo tempo que Seus inimigos foram humilhados? Haveria ambiente mais adequado para que Ele fizesse isso do que o da casa daquela pitonisa de En-Dor? Abaixo algumas ponderações:

1. **O SENHOR humilhou os demônios.** Ao enviar Samuel àquela casa, levando Sua mensagem ao desobediente Saul, o SENHOR estava humilhando os demônios. Como? Ora, se um demônio tivesse aparecido, ele seguramente teria mentido a Saul. Porém, Samuel só falou a verdade, contrariando esses seres espirituais do mal. Será que os demônios gostaram dessa intervenção divina “dentro de seu próprio território”, onde já estavam habituados a reinar, enganar e escravizar as pessoas por meio da mentira? Como um raio de luz que dissipa as trevas, a verdade trazida por Samuel destronou a mentira que sempre imperava naquele ambiente pagão.
2. **O SENHOR humilhou a necromante.** O grande terror que veio sobre a mulher quando ela viu Samuel, mais o fato de ela desconhecer a identidade desse profeta, humilhou-a. Isso demonstrou que ela não tinha o menor controle sobre tudo aquilo que estava acontecendo. A partir do momento que Samuel apareceu, a pitonisa saiu completamente de cena, e aí esse fiel representante de Deus é quem passou a “dar as cartas”. A impotência da mulher foi completa diante da súbita e inesperada aparição de Samuel. Ela deveria saber que somente o SENHOR é quem pode, por Seu poder e vontade, trazer um espírito do além, como ela mesma comprovou ao ver, aterrorizada, o autêntico Samuel diante de si, algo que ela nunca conseguira fazer antes.
3. **O SENHOR humilhou Saul.** Deus humilhou Saul ao mostrar-lhe que a Sua palavra é a verdade e que nada nem ninguém pode impedir que ela se cumpra. Se o SENHOR já havia rejeitado Saul, dizendo-lhe que seu reino seria tirado (1Sm 15.28, 29; 16.1), então essa palavra ainda estava de pé (28.17), tendo nos filisteus o instrumento divino para o seu cumprimento (v. 19). Enquanto num ambiente pagão os demônios

mentem às pessoas, sem omitir um til Samuel reafirmou tudo aquilo que o SENHOR já havia falado sobre o fim do reinado de Saul.⁴²

4. **O SENHOR desaprova a necromancia.** Ao enviar Samuel àquele ambiente pagão, o SENHOR deixou um severo e solene aviso para aqueles que vão atrás dos necromantes a fim de tentar fazer contato com o além. Os que incorrem nesse grave pecado certamente serão punidos por Deus, como Samuel deixou implícito ao dizer que Saul morreria na batalha contra os filisteus (1Sm 28.19), mas que o escritor do livro de 1Crônicas fez questão de explicitar (1Cr 10.13, 14).

Portanto, não há o menor problema em acreditar que Deus enviou Samuel ao ambiente pagão da casa daquela necromante de En-Dor. Muito pelo contrário, essa atitude só exaltou, ainda mais, o Deus de Israel. Será que a glória, o poder e o domínio do SENHOR não são mais ressaltados em meio às trevas que em meio à luz? Naquela triste noite em que Saul visitou a casa daquela pitonisa, todos ficaram sabendo que quem possui, verdadeiramente, a glória, o poder e o domínio é o SENHOR. Quando o SENHOR quer agir, absolutamente nada nem ninguém pode impedi-Lo. Ele faz *o que quer, como quer e quando quer*. Isso é o mínimo que esperaríamos do Deus todo-poderoso e soberano revelado nas Escrituras! “Acaso para o SENHOR há cousa demasiadamente difícil?” (Gn 18.14).

CONCLUSÃO

No decorrer deste livro, ficou constatada a existência de uma forte tradição que influencia a compreensão de 1Samuel 28. Essa tradição, em parte alimentada pelo medo daquilo que os espíritas vão pensar e dizer, faz com que as pessoas sejam virtualmente capazes de inventar qualquer argumento para tentar negar que Samuel apareceu. Sem dúvida, tal postura acaba impedindo que esse texto fale por si mesmo, fazendo surgir interpretações distorcidas, parciais e equivocadas de 1Samuel 28 e de outros textos bíblicos.

⁴² Há quem diga que aquele ser espiritual *apenas repetiu* as palavras que Samuel dissera enquanto vivia, o que provaria que ele não era Samuel, mas um demônio. Contudo, esse argumento é infundado, pois o fato de aquele ser ter reafirmado todas as palavras que Samuel disse antes de falecer serve justamente para reforçar, ainda mais, que era o autêntico Samuel quem estava em En-Dor. Se ele tivesse contrariado as palavras que Samuel dissera antes de morrer, então aí sim poderíamos dizer que ele era um demônio. Portanto, é mais do que óbvio que Samuel, ao aparecer em En-Dor, só poderia ter repetido tudo aquilo que ele mesmo, quando estava vivo, já havia dito a Saul.

Como os leitores puderam ver, a interpretação que defende que “Samuel” apareceu sempre foi adotada pelo povo de Deus, desde os dias do AT até os nossos dias, não sendo nenhuma novidade ou heresia importada do paganismo. Essa forma de entender 1Samuel 28 apóia-se numa exegese sólida, imparcial, coerente com o ensino geral da Bíblia e profundamente enraizada naquilo que está escrito nesse texto. Isso é o que chamamos de “autêntica exegese bíblica”, pois ela é construída *somente* a partir daquilo que *está escrito* no texto. Nesse tipo de exegese, o intérprete deixa o texto bíblico falar por si mesmo, em vez de contaminá-lo com suas idéias particulares, denominacionais e teológicas. Essa interpretação de 1Samuel 28 harmoniza-se perfeitamente com aquilo que as Escrituras ensinam sobre temas como “o estado intermediário e o funcionamento do Sheol”, “a impossibilidade de comunicação entre vivos e mortos”, “a proibição da necromancia”, “a soberania e onipotência divinas”, “a inspiração divina da Bíblia”, *etc.*

Entretanto, será que podemos dizer o mesmo acerca da interpretação que diz que um “demônio” apareceu? Podemos classificá-la como uma “autêntica exegese bíblica”? Ora, é evidente que não, haja vista que não está escrito em lugar algum de 1Samuel 28 que um “demônio” apareceu e enganou Saul. Como que uma autêntica exegese das declarações: “Vendo a mulher a *Samuel*” (v. 12) e “*Samuel* disse...” (vs. 15, 16, 20) pode levar a uma conclusão completamente oposta do que está escrito? Ou seja, que a mulher *não* viu Samuel, e que *não* foi Samuel quem se comunicou com Saul? Tal conclusão é completamente absurda e irracional. Uma genuína exegese bíblica, feita a partir daquilo que está escrito nessas declarações, só pode nos levar, obviamente, a *uma* conclusão: que aquela mulher verdadeiramente viu “Samuel”, e que foi “Samuel” quem se comunicou com Saul. Qualquer exegese dessas declarações, que conduza a uma conclusão diferente, pode ser chamada de qualquer coisa, menos de “autêntica exegese bíblica”.

Além disso, todos os argumentos a favor da aparição de um demônio foram cabalmente refutados. Todos eles foram imparcialmente apresentados, analisados e receberam sua devida contestação, revelando-se totalmente falhos e indefensáveis. Esses argumentos não passam de uma leitura precipitada, incoerente, seletiva e distorcida de 1Samuel 28 e de outros textos bíblicos. Isso explica por que uma análise mais atenta e detalhada logo revelou a fragilidade de cada um deles. Para refutá-los, só tivemos que deixar o texto de 1Samuel 28 falar por si mesmo, naturalmente, sem querer forçá-lo a dizer aquilo que ele não diz.

Talvez os leitores não tenham percebido, mas os argumentos usados para apoiar que um demônio apareceu funcionam como uma espécie de “chave interpretativa” de 1Samuel 28, a única ferramenta capaz de extrair a “verdadeira” interpretação desse texto. Sem essa chave, um leitor comum, por mais piedoso e esforçado que seja, jamais conseguirá decifrar os “mistérios” escondidos por detrás de cada palavra criptografada de 1Samuel 28. Mesmo

que leia milhares de vezes as declarações: “Vendo a mulher a *Samuel*” (v. 12) e “*Samuel* disse...” (vs. 15, 16, 20), ainda assim esse leitor ficará em eterna ignorância quanto à “real” identidade daquele ser que apareceu em En-Dor.

Todavia, será que vale a pena pagar um preço tão alto assim para tentar construir um argumento a partir de algo que não está escrito, de forma alguma, no texto sagrado? Compensa trilhar esse caminho tortuoso e escorregadio e inventar argumentos para tentar *contradizer* algo que é dito tão claramente no texto? Se 1Samuel 28 ensina claramente que um “demônio” apareceu em En-Dor, então por que os defensores dessa posição precisam fazer um *esforço* sobre-humano (porém frustrado) para tentar provar que esse texto ensina isso? Se foi mesmo um “demônio” que apareceu, então por que não deixam esse texto dizer isso *naturalmente*, sem precisar distorcê-lo e tratá-lo com seletividade tão grande? Se 1Samuel 28 ensina claramente que um “demônio” apareceu e falou com Saul, então por que as pessoas precisam percorrer labirintos interpretativos incríveis, fazendo raciocínios ilógicos, parciais e falhos para tentar provar que esse texto ensina isso?

Por mais irônico e surpreendente que possa parecer, todo esse sacrifício para defender que um “demônio” apareceu acaba servindo mesmo para provar que esse ponto de vista é o *mais absurdo* e o *mais improvável* de ser o correto. Como assim? Ora, se essa interpretação fosse a mais sensata e a mais provável de ser a correta, então esperaríamos que estivesse escrito em 1Samuel 28, *de forma clara e repetida*, que um “demônio” aparecera e enganara Saul. Afinal, não é necessário esforço algum para provar o óbvio!

Porém, o que o texto de 1Samuel 28 diz de forma clara e repetida, sem exigir qualquer esforço do leitor para compreendê-lo? Resposta: que “Samuel” apareceu e conversou com Saul. Logo, esse é, sem dúvida, o ponto de vista mais sensato e mais provável de ser o correto. Quem acredita que Samuel apareceu não precisa fazer esforço algum para provar esse ponto de vista, pois o texto de 1Samuel 28 ensina isso de forma óbvia!

Assim, a interpretação que diz que um “demônio” apareceu conduz a uma situação bastante contraditória. Qual? Quanto maior o esforço e o número de argumentos distorcidos e defeituosos usados para contradizer aquilo que está escrito claramente em 1Samuel 28, maior é a certeza de que “Samuel” apareceu e de que essa interpretação é inadequada, equivocada e anormal. Quanto mais as pessoas insistem em negar aquilo que está escrito clara, repetida e objetivamente em 1Samuel 28, mais problemas insolúveis elas criam para si mesmas na área da exegese bíblica. Quanto maior o sacrifício para provar que um “demônio” apareceu, maior é a certeza de que foi “Samuel” quem apareceu.

Entretanto, quanto maior a naturalidade com a qual *aceitamos* aquilo que *está escrito* em 1Samuel 28, sem precisarmos usar argumentos seletivos, distorcidos e falhos em nossa interpretação, maior é a certeza de que foi “Samuel” quem apareceu. Quanto mais deixamos o texto de 1Samuel 28 falar por si mesmo, sem contagiá-lo com nossos pressupostos, mais evidente fica que “Samuel”, e não

um "demônio", apareceu em En-Dor. Aceitar que foi o falecido Samuel quem apareceu não traz dificuldade alguma para o intérprete das Escrituras, pois é justamente isso o que o texto sagrado está dizendo abertamente. A *Bíblia* está totalmente *a favor* dessa posição, mas totalmente *contra* a idéia de que um demônio apareceu.

Enfim, todo esse sacrifício e suor derramado para provar que um "demônio" apareceu é inútil e autodestrutivo. No final, só serve para confirmar, ainda mais, uma verdade que vem sendo exposta desde o início deste livro: que somente uma interpretação de 1Samuel 28 totalmente incoerente, seletiva, distorcida, anormal, apoiada em argumentos extrabíblicos e que sacrifica a inspiração divina da Bíblia pode levar alguém a acreditar que um "demônio" apareceu e conversou com Saul. É lamentável que essa "tradição da maioria" seja tão forte, intimidativa e envolvente para impedir que as pessoas enxerguem essa falha tão clara e fatal em sua abordagem de 1Samuel 28.

A análise dos trechos que tratam da *identificação* (28.12-14) e das *palavras* ditas por aquele ser espiritual (28.15-20) não deixa dúvida: o ser que aquela necromante viu era o falecido "Samuel", e foi esse profeta quem conversou com Saul. Cem por cento da argumentação deste livro, a favor da aparição de Samuel, apóia-se nas declarações: "Vendo a mulher a *Samuel*" (v. 12) e "*Samuel* disse a Saul..." (vs. 15, 16, 20), que se encontram na terceira pessoa. Tais declarações, que são o parecer inerrante, infalível do narrador inspirado, constituem-se na prova cabal a favor do aparecimento de Samuel.

Sinceramente, só conseguiríamos negar que Samuel apareceu e conversou com Saul se fizéssemos uma interpretação de 1Samuel 28 completamente incoerente, parcial, distorcida e que considerasse argumentos extrabíblicos mais importantes que aquilo que está escrito na Bíblia. E o pior de tudo: teríamos que negar a inspiração divina da Bíblia, passando a considerá-la um livro como outro qualquer, cujos escritores, quando narram na terceira pessoa, podem estar apenas expressando pontos de vista equivocados de homens, que não têm absolutamente nada a ver com aquilo que realmente aconteceu. Em outras palavras, a Bíblia não passaria de uma obra repleta de lendas, mentiras e erros. Longe de nós tratarmos o Livro dos livros dessa maneira!

Paulo Sérgio de Araújo